

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**

VINÍCIUS BARD MATHIAS DE SOUZA

GESTÃO DE ACERVOS DIGITAIS:

**Um estudo a partir das coleções de depoimentos do Museu da Pessoa (SP) e
Memorial da Resistência (SP)**

Porto Alegre

2023

VINÍCIUS BARD MATHIAS DE SOUZA

GESTÃO DE ACERVOS DIGITAIS:

**Um estudo a partir das coleções de depoimentos do Museu da Pessoa (SP) e
Memorial da Resistência (SP)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientação
Profa. Dra. Ana Celina Figueira da Silva

Porto Alegre

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos André Bulhões

Vice-Reitora e Pró-Reitora de Coordenação Acadêmica: Patrícia Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Ana Maria Moura

Vice-Diretora: Vera Regina Schmitz

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefia: Rene Faustino Gabriel Junior

Chefia Substituta: Caterina Marta Groposo Pavão

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora: Márcia Regina Bertotto

Coordenador Substituto: Vanessa Barrozo Teixeira Aquino

CIP - Catalogação na Publicação

Mathias de Souza, Vinícius Bard

Gestão de Acervos Digitais: Um estudo a partir das coleções de depoimentos do Museu da Pessoa (SP) e Memorial da Resistência (SP) / Vinícius Bard Mathias de Souza. -- 2022.

69 f.

Orientadora: Ana Celina Figueira da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Museu Virtual. 2. Cibernuseologia. 3. Gestão de Acervos. 4. Museu da Pessoa. 5. Memorial da Resistência. I. Figueira da Silva, Ana Celina, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Bairro Santana Porto Alegre - RS

Telefone (51) 33085067

E-mail: fabico@ufrgs.br

Vinícius Bard Mathias de Souza

GESTÃO DE ACERVOS DIGITAIS:

**Um estudo a partir das coleções de depoimentos do Museu da Pessoa (SP) e
Memorial da Resistência (SP)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Celina Figueira da Silva

Aprovado em: 31 de Março de 2023

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. Ana Celina Figueira da Silva (Orientadora) - UFRGS

Museólogo Me. Elias Palminor Machado - UFRGS

Profª. Ma. Marlise Maria Giovanaz - UFRGS

Porto Alegre

2023

AGRADECIMENTOS

Todas minhas conquistas devo, primariamente, a quem fornece a estrutura familiar e econômica para que eu possa alcançar meus objetivos, portanto não existe outra forma de começar estes agradecimentos sem antes reconhecer o esforço dos meus pais pela minha formação, não só acadêmica, mas mais importante como indivíduo. Agradeço profundamente a minha supermãe, que sempre trabalhou muito para que nosso lar fosse um ambiente de ternura, agradeço também ao meu pai, que além dos conselhos de vida, plantou o hábito da leitura em mim. Vocês são meu alicerce, obrigado por tudo que já me ensinaram e ainda vão me ensinar, pois certamente ainda há muito que não sei.

Além dos meus pais, tenho a sorte de contar com irmãos que sempre me compreenderam e estão sempre dispostos a me apoiar e ajudar, irmãos que pela diferença de idade por vezes fornecem conselhos tão sábios quanto os dos meus pais. Muito obrigado Rodrigo por tudo que aprendo contigo e por todo o incentivo, muito obrigado Tathy por ser meu exemplo de garra e determinação e muito obrigado Diogo por todas as horas que, mesmo do outro lado do mundo, você gastou para me ouvir e conversar comigo sobre a vida como ela é.

Não poderia deixar de dedicar esta pequena seção também a outras duas pessoas fundamentais, ao Tio Henrique que desde sempre me familiarizou com o colecionismo e a Rê que me ama e cuida de mim como se eu fosse dela.

À Vitória, pelos inúmeros anos de amizade, ao Castro pela cumplicidade, ao Juliano pelos conselhos acadêmicos e ao Venancio pelas conversas sinceras que já tivemos. A todos meus amigos que aguentam as minhas loucuras e são companheiros de saídas ou jogatinas, muito obrigado. Em especial à Juliana, com quem dividi quase todo o momento da graduação e tenho certeza que ainda teremos muitos outros momentos para dividir.

Por fim, não posso deixar de mencionar a equipe de professores e funcionários que fazem do curso este ambiente acolhedor e caloroso, o bom humor e a proximidade com vocês é fundamental para o desenvolvimento de todos que têm o prazer de cursar Museologia. O curso é resultado do vosso esforço coletivo.

*O pensamento cresce,
cresce e toma conta de toda a nossa cabeça e nosso coração.
Vive em nossos olhos e em tudo que é pedaço da vida da gente.
(Meu Pé de Laranja Lima, José Mauro Vasconcelos.)*

RESUMO

A presente pesquisa parte do pressuposto que as rápidas transformações tecnológicas, impulsionadas pelas novas Tecnologias da Comunicação e Informação, estão gradualmente transformando a Museologia de forma que observamos a ascensão do fenômeno dos museus virtuais, instituições que podem existir exclusivamente na internet ou como correspondência de um acervo físico no ciberespaço. Entende-se que estes processos museológicos relacionados à digitalidade fazem parte da Cibermuseologia, corrente da Museologia que estuda as relações cibernéticas estabelecidas nos processos de musealização. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi compreender a documentação e preservação de coleções de entrevistas publicizadas no ciberespaço por instituições museológicas com presença virtual, a partir das coleções de depoimentos do Museu da Pessoa (SP) e Memorial da Resistência (SP). A análise dos processos de documentação foi realizada a partir de metodologia quanti qualitativa com o mapeamento e análise dos metadados utilizados pelas instituições através da aplicação de questionários semi-estruturados. Os conceitos que fundamentaram a pesquisa foram os de Museu Virtual, Cibermuseologia, Objeto Digital e Metadado, a partir, principalmente, das abordagens de autores como Henriques (2018), Magaldi (2010), Leschenko (2015), Padilha (2018) e Alves (2010). O diagnóstico realizado gerou uma perspectiva das atuais práticas empregadas por museus virtuais na gestão de acervos digitais, evidenciando processos inerentes a acervos coletados através da história oral, mas também questões singulares quanto a publicização no ciberespaço, como a da estrutura tecnológica demandada neste processo, capacitação profissional e principalmente a contextualização do indivíduo que compartilha suas memórias, de modo que foi observado a atenção que as instituições empregam durante o processo de documentação em assimilar informações referentes ao depoente.

PALAVRAS-CHAVES

Museu virtual. Cibermuseologia. Gestão de Acervos. Museu da Pessoa. Memorial da Resistência

ABSTRACT

The present research is based on the assumption that the rapid technological transformations, driven by the new Communication and Information Technologies, are gradually transforming Museology in a way that we observe the rise of the phenomenon of virtual museums, institutions that can exist exclusively on the internet or as a correspondence of a physical collection in cyberspace. It is understood that these museological processes related to digitality are part of Cybermuseology, a current of Museology that studies the cybernetic relations established in the musealization processes. In this sense, the objective of this study was to understand the documentation and preservation of collections of interviews published in cyberspace by museological institutions with virtual presence, based on the testimonial collections of the Museu da Pessoa (SP) and Memorial da Resistência (SP). The analysis of the documentation processes was carried out based on a quantitative and qualitative methodology with the mapping and analysis of the metadata used by the institutions through the application of semi-structured questionnaires. The concepts that supported the research were those of Virtual Museum, Cybermuseology, Digital Object and Metadata, based mainly on the approaches of authors such as Henriques (2018), Magaldi (2010), Leschenko (2015), Padilha (2018) and Alves (2010). The diagnosis carried out generated a perspective of the current practices employed by virtual museums in the management of digital collections, highlighting processes inherent to collections collected through oral history, but also unique questions regarding publicity in cyberspace, such as the technological structure demanded in this process, training professional and mainly the contextualization of the individual who shares his memories, so that the attention that the institutions employ during the documentation process in assimilating information regarding the deponent was observed.

KEYWORDS

Virtual Museum. Cybermuseology. Collection Management. Museu da Pessoa. Memorial da Resistência.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeira versão do site do Museu da Pessoa.....	28
Figura 2 - Página de Divulgação do Programa de Núcleos do Museu da Pessoa...	30
Figura 3 - Celas restaurada no Memorial da Resistência.....	34
Figura 4 - Página do acervo publicizado do Memorial da Resistência.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAC	Associação Pinacoteca de Arte e Cultura
Condephaat	Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico
DECON	Delegacia de Defesa do Consumidor
DEOPS	Delegacia Especial de Ordem Política e Social
ICOM	Conselho Internacional de Museus
MINON	Movimento Internacional pela Nova Museologia
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
RENIM	Rede Nacional de Identificação de Museus
RESLAC	Rede Latinoamericana e Caribenha de Lugares de Memória
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UOL	Universo Online

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 MUSEU, MUSEOLOGIA E VIRTUAL	18
2.1 Museu virtual, cibermuseologia, objeto digital e metadado.....	20
2.2 Museus, memória e história oral.....	23
3 A CONSOLIDAÇÃO DO MUSEU DA PESSOA E DO MEMORIAL DA RESISTÊNCIA	25
3.1 Museu da Pessoa.....	26
3.2 Memorial da Resistência.....	32
4 DOCUMENTAÇÃO E PRESERVAÇÃO DE COLEÇÕES DIGITAIS	36
4.1 Museu da Pessoa.....	39
4.2 Memorial da Resistência.....	44
4.3 Nuances da documentação de entrevistas em ambientes digitais.....	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIA	52
ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO MUSEU DA PESSOA	56
ANEXO B - AUTORIZAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO MEMORIAL DA RESISTÊNCIA	57
APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO	58
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	59
APÊNDICE C - ENTIDADE DE CADASTRO DE HISTÓRIAS NO MUSEU DA PESSOA	60
APÊNDICE D - ENTIDADE DE CADASTRO DE PESSOA NO MUSEU DA PESSOA - INFORMAÇÕES BÁSICAS	62
APÊNDICE E - FICHA DE DECUPAGEM DO MEMORIAL DA RESISTÊNCIA	64
APÊNDICE F - FICHA CATALOGRÁFICA TÉCNICA DO MEMORIAL DA RESISTÊNCIA	66

1 INTRODUÇÃO

A utilização de computadores pessoais e celulares para o acesso à rede de internet mundial alterou completamente a forma como observamos e interagimos com o mundo, não há esfera da comunicação que não tenha sofrido transformações devido a difusão do acesso ao ciberespaço. Através desta tecnologia estabelecemos conexões com qualquer pessoa independente do lugar, as informações deixam de estar restritas a um local físico e tornam-se desterritorializadas, além disso a quantidade de dados produzidos e disponíveis é incomensurável, levando a novas práticas de armazenamento e divulgação da informação. Em um ritmo persistente estamos experimentando estas transformações no nosso cotidiano, de forma que os mais diversos campos agora disputam espaço na virtualidade.

Tornou-se comum observarmos essas experimentações no ambiente virtual, de modo que no campo das ciências da informação bibliotecas e arquivos já utilizam a internet de forma ampla. E com a contínua ampliação destas novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) o digital deixa de ser um desafio e transforma-se numa realidade inevitável. Na Museologia a experimentação com o virtual ocorre há pelo menos quase 3 décadas, através de iniciativas como o Museu de Artes Computacionais¹ que surgiu em 1993, (ARCHER, s.d., documento eletrônico), o *WebMuseum*² de 1994 (PIOCH, s.d., documento eletrônico) ou até o Instituto Itaú Cultural, que desenvolve desde 1983 um banco de dados informatizado de pintura brasileira (RODRIGUES, 2010). Apesar dessas iniciativas não necessariamente caracterizarem museus, elas indicam, em certa medida, a utilização das novas tecnologias para divulgação de acervos museológicos em ambientes virtuais, proporcionando novas experimentações do público. Além disso, progressivamente novas pesquisas estão sendo desenvolvidas para tratar sobre conceitos como a Cibermuseologia, onde podemos destacar o trabalho de Magaldi, Brulon e Sanches (2018).

¹ Experimento Museológico criado pelo Departamento de Educação do Estado de Nova Iorque, de forma que o site serve como um repositório de arte digital, não há qualquer cobrança pela visitação nem aos artistas que desejam expor suas obras que podem ser submetidas ao museu por meio de um canal de comunicação via email. Suas galerias dividem-se conforme a técnica empregada: desenho digital, inteligência artificial, fotografia, criação algorítmica... (ARCHER, 2022, documento eletrônico).

² O WebMuseum foi fundado por Nicolas Pioch, o site concentra uma série de obras de arte e documentos de domínio público. (PIOCH, 2022, documento eletrônico).

Entendemos que a difusão da informação e o estabelecimento de novas tecnologias está, sem dúvida, provocando a multiplicação destes espaços e instituições museológicas virtuais, uma vez que a perspectiva da digitalização geral das informações tornou o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade (LÉVY, 2010, p.95).

Observamos no Brasil a ascensão do fenômeno digital já que hoje são 57 destes espaços mapeados pela Rede Nacional de Identificação de Museus - ReNIM (RENIM, 2022, documento eletrônico), com a criação de 23 novos espaços desde 2018, quando eram apenas 34 espaços mapeados (OLIVEIRA, 2018, p. 64). Dessa forma, é evidente a propagação no Brasil de museus e memoriais virtuais impulsionados pelas transformações provocadas pelas novas Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs).

Entretanto, deve-se considerar que o fenômeno digital, por mais que tenha ganhado força nos últimos anos, não é algo recente no Brasil. O Museu da Pessoa³, instituição museológica virtual brasileira referência na preservação e comunicação de história oral, foi criado em 1991 e lançou seu primeiro site em 1997. Desde então, diversas outras instituições foram criadas, das quais destacamos o #MuseuDeMemes⁴ em 2014, Museu das Coisas Banais⁵ também em 2014, e o Museu das Memórias (In)Possíveis⁶ em 2018. Além da concepção e popularização de novos espaços museológicos, este fenômeno digital também fomenta a produção científica sobre o tema. Pesquisas em torno dessa nova forma de manifestação dos museus não são uma prática recente, o termo museu virtual foi utilizado inicialmente em 1991 (HENRIQUES, 2018, p.56) e pelo menos desde 1998 sua interpretação é semelhante ao significado utilizado hoje (SCHWEIBENZ, 1998, 191).

Neste trabalho entendemos os museus virtuais conforme o significado atribuído por Henriques (2018, p. 68-69), em suma seriam instituições desterritorializadas que “surgiram como novas perspectivas de ação museológica, não somente no sentido de abrir outras formas de participação das pessoas, mas também por discutir o próprio conceito de museu, libertando-o do espaço físico.” Dessa forma, compreendemos que o museu virtual é uma instância do museu instituição no ciberespaço, um museu desterritorializado, em constante

³ Disponível em: <<https://museudapessoa.org>> Acesso 05/12/2022.

⁴ Disponível em: <<https://museudememes.com.br>> Acesso 05/12/2022.

⁵ Disponível em: <<https://museudascoisasbanais.com.br>> Acesso 05/12/2022.

⁶ Disponível em: <<https://museu.appoa.org.br>> Acesso 05/12/2022.

transformação podendo possuir acervo criado totalmente em meio digital ou não (MAGALDI, 2010, p.134).

Entendemos que os museus virtuais fazem parte do campo de estudo da Museologia, e conseqüentemente suas práticas devem ser analisadas a fim de entender estas novas instituições, como estão fazendo uso do ciberespaço na divulgação de novos acervos, sua relação com o seu público mas também o que as define. Alguns trabalhos como os de Henriques (2004) e Magaldi (2010) discorrem justamente sobre essa síntese de conceitos, ambos utilizando o Museu da Pessoa como objeto de estudo. Outros trabalhos como os de Oliveira (2018) e Chaves, Henriques (2021) voltam este olhar para as práticas de gestão destes espaços, focando em análises referentes aos processos museológicos. Por fim, autoras como Dodebei (2008) e Padilha (2018) voltam suas análises para questões relacionadas ao patrimônio digital e à reprodutibilidade digital respectivamente.

Desta forma, podemos destacar que além do crescimento exponencial deste fenômeno digital visível através da criação de novas instituições, também é evidente o aumento gradual da produção científica que discorre sobre estas práticas, embora muitas questões ainda estejam em aberto. Pretendemos neste trabalho contribuir para essas discussões em torno de museus virtuais, principalmente no que diz respeito à gestão de acervo dessas instituições, pois acreditamos que é essencial discutir e publicizar as novas práticas museológicas que estão sendo desenvolvidas neste suporte. Para isso, utilizamos como objeto de estudo as coleções de entrevistas do Museu da Pessoa e do Memorial da Resistência, aplicando questionários semi-estruturados (Apêndice A) no formato de uma conversa *online* a fim de entender sua percepção sobre seus acervos, no Museu da Pessoa conversamos com o Museólogo Coordenador de Acervo, e no Memorial da Resistência com a pesquisadora da instituição. Além destas fontes, também utilizamos o acesso e análise dos repositórios e sites onde os acervos estão disponibilizados como fontes primárias e uma revisão bibliográfica composta pelos principais autores que trabalham com museus virtuais, como fonte secundária.

A escolha destes espaços como objeto de estudo ocorreu devido a relevância das instituições, suas semelhanças, mas principalmente suas diferenças. Ambas instituições trabalham com acervos referentes à história oral, o Museu da Pessoa com histórias de vida e o Memorial da Resistência com memórias relacionadas à repressão social e política durante a ditadura no Estado de São Paulo, ambas

instituições também realizam a publicização dos seus acervos no ciberespaço, através de seus sites⁷. Entretanto, existem algumas diferenças fundamentais que motivaram estas escolhas, a principal delas sendo o próprio caráter institucional destes espaços, o Museu da Pessoa existe exclusivamente no ciberespaço desde 1997, quando foi criado seu site, em contrapartida o Memorial da Resistência possui sede física e seu site funciona como extensão da instituição no ciberespaço, acreditamos que essa característica suscite a possibilidade de identificar diferenças no processo de documentação e preservação dos objetos que analisamos. Além disso, cabe o esclarecimento de que embora exista essa diferença de caráter institucional, consideramos ambos os espaços como museus virtuais a partir da análise de Lima e Mendes (2009, p.247-248) de que o museu virtual pode existir tanto como instituição exclusiva no ciberespaço, quanto como extensão de uma instituição tradicional.

Outra característica que permeia a escolha das instituições é a semelhança de acervo, ambas instituições buscam documentar e preservar a memória através de depoimentos e entrevistas. Nesse sentido, compreendemos que o objeto de preservação sempre é a história oral por meio da transcrição de depoimentos, entretanto as instituições buscam também a preservação do objeto original utilizado como suporte para coleta deste depoimento/testemunho, seja ele em áudio ou vídeo. Pretendemos neste trabalho, analisar justamente estes suportes originais, que são poderosas fontes históricas, pois segundo Le Goff:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. [...] com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (FEBVRE, 1989 apud LE GOFF, 1990, p. 89)

Portanto, compreendemos estes registros como documentos associados às entrevistas, objeto final de preservação, e pretendemos utilizá-los como ponto de partida para discussões sobre a preservação da história oral no ambiente digital utilizando para isso o Museu da Pessoa e Memorial da Resistência como objetos de estudo.

⁷ Museu da Pessoa através do site <<https://museudapessoa.org/>> e o Memorial da Resistência no site <<http://memorialdaresistencia.org.br/>>.

A escolha deste tema é resultado direto das experiências pessoais do autor com sistemas de documentação e publicização de acervos, principalmente devido aos trabalhos e vivências proporcionadas através da participação do Projeto de Extensão Gestão de Acervos e Documentação Museológica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul no período de maio de 2021 a março de 2022. Além disso, concomitante à Museologia estou finalizando o curso Análise e Desenvolvimento de Sistemas, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, com previsão de conclusão no segundo semestre de 2023, e acredito que a Museologia pode beneficiar-se muito, enquanto campo interdisciplinar, com as novas tecnologias proporcionando uma grande potência para a atuação dos museus na perspectiva de um mundo cada vez mais conectado, neste sentido a publicização de acervos é um processo fundamental e acreditamos que entender como ocorre a gestão destes objetos publicizados é o primeiro passo para garantir sua preservação.

A partir destas considerações visamos responder às seguintes perguntas com a pesquisa realizada: como ocorre a gestão de acervo das coleções de entrevistas? Quais metadados são empregados nestes procedimentos e quais características exclusivas podemos atribuir a esta tipologia de acervo? Considerando que o Museu da Pessoa comunica seu acervo somente no ciberespaço, diferente do Memorial da Resistência que possui uma sede física aberta ao público, podemos identificar diferenças na preservação dos acervos digitais entre as duas instituições?

O objetivo geral foi compreender os procedimentos de documentação e preservação empregados nas coleções de entrevistas publicizadas nos sites do Museu da Pessoa e do Memorial da Resistência. Os objetivos específicos foram: Identificar os metadados utilizados para a documentação destes acervos no Museu da Pessoa e no Memorial da Resistência, verificando a utilização de padrões nesse processo; e verificar as nuances da gestão de acervos do Museu da Pessoa e do Memorial da Resistência, identificando diferenças e similaridades.

Por meio desta pesquisa acadêmica, de natureza básica e de objetivos descritivos, buscamos compreender a documentação de coleções de entrevistas publicizadas por instituições museológicas no Brasil, para isso utilizamos as coleções de depoimentos do Museu da Pessoa e Memorial da Resistência. Foi empregada uma metodologia quanti-qualitativa na análise destes processos de documentação, mapeando e relacionando os metadados empregados através de fontes documentais indiretas.

O trabalho está dividido em 5 capítulos, na **Introdução** apresentamos o tema, os problemas de pesquisa, os objetivos gerais e específicos, a metodologia utilizada e as fontes de pesquisa. No capítulo seguinte, chamado **Museu, Museologia e Virtual** o objetivo foi familiarizar o leitor com alguns conceitos que foram utilizados ao longo do trabalho como: Museu, Museu Virtual, Ciberespaço, Cibermuseologia, Objeto Digital, Metadado, Memória e História Oral. O terceiro capítulo chamado de **Consolidação do Museu da Pessoa e do Memorial da Resistência** tem o objetivo de apresentar ao leitor a trajetória destas duas instituições, apresentando o percurso de cada instituição em seu próprio subcapítulo. No quarto capítulo **Documentação e Preservação de Coleções Digitais** elencamos os principais procedimentos de documentação e preservação utilizados pelas instituições descobertos através das entrevistas com seus respectivos profissionais, este capítulo está dividido em 3 subcapítulos, um para cada instituição e o último apresentando as nuances identificadas entre elas. Por fim, nas **Considerações Finais** apresentamos o encerramento da presente pesquisa e as particularidades que identificamos relacionadas à gestão de acervos no Museu da Pessoa e no Memorial da Resistência.

2 MUSEU, MUSEOLOGIA E VIRTUAL

Antes de seguir com a análise dos processos de documentação e preservação do Museu da Pessoa e do Memorial da Resistência é necessário dedicar uma seção para a apresentação de conceitos como museu virtual, ciberespaço, cibermuseologia, objeto digital, metadados e memória social. Através da apresentação destes conceitos pretendemos auxiliar na compreensão das instituições, objetos de estudo desta pesquisa, e suas práticas.

Inicialmente a Museologia surge como “o conjunto de saberes formulado no âmbito das atividades práticas” (JULIÃO, TANUS, 2014, p.79) desenvolvidas no interior dos museus no século XIX. Posteriormente, a partir da segunda metade do século XX, devido às profundas transformações sociais e a efervescência cultural que colocou em xeque o modelo de museu utilizado até então este conceito seria revisto, sendo dividido entre Museologia - ciência e campo teórico - e Museografia - campo prático da Museologia -, estes conceitos ainda hoje estão no cerne de diversos debates, entretanto para este trabalho iremos compreender a Museologia como o campo de estudos responsável por administrar a memória por meio da salvaguarda e comunicação do patrimônio cultural, atuando em sua preservação ou mesmo na administração das informações contidas em objetos e também organizando novas formas de informação, através de discursos expositivos e estratégias pedagógicas. (BRUNO, 1996, p.57).

Dessa forma podemos considerar que a Museologia não restringe seu campo de atuação somente aos museus, mas sim engloba uma série de significados que podem surgir através das relações entre o sujeito e os objetos. Neste sentido Waldisa Rússio Guarnieri define o objeto de estudo da Museologia como o fato museal, que diz respeito a:

relação profunda entre o homem - sujeito conhecedor -, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir. Essa relação comporta vários níveis de consciência, e o homem pode apreender o objeto por intermédio de seus sentidos: visão, audição, tato, etc. Essa relação supõe, em primeiro lugar e etimologicamente falando, que o homem ‘admira o objeto’. (GUARNIERI, 2010, p.123)

Estas relações ocorrem principalmente nos museus, espaços que estão em constante transformação, sejam transformações relacionadas ao seu objetivo de

difusão da cultura enquanto espaços socioculturais, ou na própria conceituação dos seus termos. De forma que recentemente o conceito de museu foi redefinido pelo Conselho Internacional de Museus - ICOM após consultas a milhares de profissionais através de um processo colaborativo que ocorreu no mundo inteiro (ICOM, 2022)⁸. A nova definição, aprovada em assembleia geral extraordinária no dia 24 de agosto de 2022 estabelece que:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento. (ICOM, 2022).

Entretanto, apesar das constantes transformações e atualizações do seu significado, os museus possuem em seu alicerce o compromisso com a preservação, a comunicação e a pesquisa dos objetos salvaguardados. Todavia é importante frisar que não podemos nos limitar a compreensão de museu somente em seu caráter institucional, uma vez que compreender o museu como fenômeno faz parte de “ampliar a percepção do que vem a ser museu” (MAGALDI, 2010, p.5), de forma que o museu:

tomará a forma que lhe for possível, no tempo desejado, para re-presentar, comunicar, criar e fazer sentido das coisas, sobre as coisas (e apesar das coisas), ainda que para isso seja necessário simular e seduzir. Pois o museu de hoje, mais do que síntese ou representação de mundo, é uma instância de presentificação dos novos modos pelos quais o homem vê o mundo (SCHNEIER, 1998, p. 144).

Logo, o museu em sua essência é fruto de uma multiplicidade de sentidos, realizações e potências de modo que este fenômeno manifesta-se de diferentes formas que não só o tradicional, podendo apresentar-se por exemplo como Museus de Território, Ecomuseus, Museus de Percurso e também museus virtuais. Esse processo de alargamento do conceito de museu é resultado direto do Movimento Internacional pela Nova Museologia - MINOM e das discussões promovidas pela Mesa Redonda de Santiago do Chile organizada pelo ICOM em 1972, que apresentaram uma nova perspectiva museológica que distinguia-se pela

⁸ Disponível em: <<https://www.icom.org.br/?p=2756>>. Acesso em 02/01/2023

centralidade das comunidades e compromisso com questões sociais no contexto museal, dessa forma, além da ampliação das concepções de museu, este processo possibilitou o estabelecimento de um alicerce para que as instituições fossem concebidas das mais diversas formas possíveis, de modo que em 1984 a Declaração de Quebec afirma conforme os Princípios de Base de uma Nova Museologia - Documento Final:

A Museologia deve procurar, num mundo contemporâneo que tenta integrar todos os meios de desenvolvimento, estender suas atribuições e funções tradicionais de identificação, de conservação e de educação, a práticas mais vastas que esses objetivos, para melhor inserir sua ação naquelas ligadas ao meio humano e físico. (ICOM, 1984 apud PRIMO, 1999, p.5)

Dessa forma, Magaldi é primaz quando afirma que o “o museu em sua essência é virtual” (MAGALDI, 2010, p.5), não em referência a sua relação com o ciberespaço, mas sim no sentido de que o conceito de museu relaciona-se ao conceito de virtual de Lévy, fazendo parte de um “nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer” (Lévy, 2011, p.16). Desta forma o museu é virtual devido a sua potencialidade de sentidos no mundo da significação, que seria o verdadeiro mundo virtual, segundo Scheiner:

Perceber o museu como fenômeno ou acontecimento - “portanto livre, dinâmico e plural” (SCHEINER, 1998, p.141) - permite que ele deixe de ser visto “a partir de suas expressões mais óbvias (o objeto, a exposição) e de seus limites espaciais, para brilhar em novas - e inusitadas – dimensões, entre elas, o museu virtual (o museu do não-lugar)” (SCHEINER, 1998, p.141 apud MAGALDI, 2010, p.5).

Por mais que o museu seja um fenômeno que admite as mais diversas manifestações, compreender as características específicas dos museus virtuais é um exercício que encontra-se no centro de diversos debates.

2.1 Museu virtual, cibermuseologia, objeto digital e metadado

A primeira utilização do termo museu virtual ocorreu em 1991 por Tschritzis e Gibbs, mas os autores não chegaram a conceituar o termo, somente utilizam este para denominar passeios virtuais em museus (HENRIQUES, 2018, p.56). Desde então diversos autores utilizaram o termo com variadas concepções, entre os muitos

significados atribuídos ao museu virtual destaca-se Schweibenz (1998, p.191) que define o fenômeno como coleções de objetos digitais, compostas por variedades de mídias, que transcendem os métodos tradicionais de comunicação e interação com seus visitantes, não possuindo espaço ou lugar real de modo que seus objetos e as informações relacionadas podem ser difundidas ao redor do mundo. Henriques complementa a definição sob o viés da Museologia, para a autora os “museus virtuais surgiram como novas perspectivas de ação museológica, não somente no sentido de abrir outras formas de participação das pessoas, mas também por discutir o próprio conceito de museu, libertando-o do espaço físico.” (HENRIQUES, 2018, p. 68-69). Portanto, o museu virtual que compreendemos como a instância do museu instituição no ciberespaço seria um museu desterritorializado, em constante transformação podendo possuir acervo criado totalmente em meio digital ou não (MAGALDI, 2010, p.134).

Estes espaços possuem diversas formas de manifestação: podem ser exclusivos do ciberespaço, não possuindo correspondente no mundo físico, ou então podem existir como extensão de um museu ou coleção física como também podem ser uma composição mista entre acervos correspondentes no mundo físico e digitalizados. (LIMA, MENDES, 2009, p.137). Apesar das mais diversas possibilidades de manifestação dos museus virtuais, este fenômeno possui como característica comum o ciberespaço como local de apresentação, que é definido por Pierre Lévy (2010, p.95) como “(...) o espaço de comunicação aberta pela interligação mundial dos computadores e das memórias informáticas” intrínseco às redes de máquinas, telefones, servidores e computadores que compõem a internet “sendo um novo suporte da interação humana.” (LÉVY, 2003 apud HENRIQUES, 2004, p.54). Este espaço de interação não está sujeito às restrições físicas impostas por ambientes tradicionais, possibilitando a conexão entre os usuários independente da distância e até do tempo, uma vez que a internet criou formas de sintetizar-lo (LYOTARD, 1989, p.71 apud HENRIQUES, 2004, p.54), Portanto o museu virtual ocupa este ciberespaço e utiliza-se destas características para transcender as fronteiras de uma instituição tradicional, não estando restrito a um lugar ou período temporal específico.

Dessa forma percebemos que o museu virtual é um fenômeno complexo, que está associado a diversas características exclusivas e a Museologia gradativamente ocupa-se de estudar este fenômeno conforme ele vai ganhando reconhecimento e

as instituições virtuais multiplicam-se. Entretanto, vale notar que as práticas museográficas associadas a estes espaços diferenciam-se completamente das práticas em instituições tradicionais, possuindo poucos manuais técnicos e menos divulgação ainda. Estas práticas são objeto de estudo da Cibermuseologia, desdobramento da grande área da Museologia e da subárea da Museologia virtual que possui como objeto de estudo, segundo Leshchenko (2015):

-Utilização de computadores em museus para propósitos educacionais e suplementares a outros auxílios visuais multimídia, como televisão; - museus virtuais; - Exposições virtuais em sites de museus; - Passeios móveis; - Armazenamento de informações, incluindo arquivos de som ou imagens como números ou sinais eletrônicos; - Utilização de tablets e criação de projetos; conteúdo amigável; - Digitalização do patrimônio intangível; - Estratégias de mídia social; - Impressão 3D; - Projetos de narrativa digital ; - e outros. (LESHCHENKO, 2015 apud MAGALDI, BRITTO, 2018, n.p).

Ou seja, o desenvolvimento da cibermuseologia é essencial perante a perspectiva cada vez maior da digitalização de acervos e ampliação de práticas em museus virtuais. Neste sentido Magaldi e Britto compreendem a Cibermuseologia “como uma corrente ou subdivisão aplicada ao campo disciplinar da Museologia que estuda as relações cibernéticas estabelecidas nos processos de musealização, processos aqui entendidos como não restritos aos museus.” (MAGALDI, BRITTO, 2018, n.p). Entretanto, estas relações não limitam-se aos museus virtuais, embora seja no ciberespaço que encontrem maior potência, o uso de *QR Codes* em exposições tradicionais é um excelente exemplo da promoção de uma experiência digital em espaços museais. Dessa forma, a Cibermuseologia diz respeito à "dimensão digital dos museus" (LESHCHENKO, 2015 apud MAGALDI, BRULON, SANCHES, 2018, p.138), tanto as questões técnicas envolvidas no uso de novas tecnologias em museus até as discussões de cunho teórico que:

aplicam a Cibermuseologia ao uso de mídias sociais e à internet, respondendo a uma demanda crescente das instituições de ampliarem, para além de suas paredes, suas múltiplas formas de agência. (MAGALDI, BRULON, SANCHES, 2018, p.138)

Por fim cabe compreender os objetos dos quais os museus virtuais ocupam-se, estes podem ser representações de objetos físicos no ciberespaço ou então exclusivos desse meio, de qualquer modo são considerados parte do

patrimônio digital destas instituições, que é definido por Dodebei como “nascido digital ou posteriormente digitalizado, [...] não deve ser apreendido apenas como um objeto, mas como um valor agregado de informações sobre o objeto de natureza material ou imaterial” (DODEBEI, 2006, p.9 apud PADILHA, 2018, p.21). Estes objetos que compõem os acervos de museus virtuais possuem diversas informações associadas, estes conjuntos de dados são essenciais para a compreensão do potencial informacional destes objetos e cabe às instituições o papel de salvaguarda neste novo suporte. Padilha (2018) é precisa ao caracterizar estes objetos museológicos digitais como “um novo objeto que possui características informacionais intrínsecas e extrínsecas específicas ao seu formato” (PADILHA, 2018, p.60).

Neste trabalho estamos interessados justamente nestas características informacionais intrínsecas e extrínsecas, que são organizadas a partir de metadados, recursos utilizados na documentação museológica que podem ser definidos como “atributos que representam uma entidade (objeto do mundo real) em um sistema de informação. (...) são elementos descritivos ou atributos referenciais codificados que representam características próprias ou atribuídas às entidades” (ALVES, 2010, p.47), conjuntos de metadados formam padrões de metadados, “estruturas de descrição constituídas por um conjunto predeterminado de metadados metodologicamente construídos e padronizados.” (ALVES, 2010, p.47). seu objetivo é “descrever uma entidade, gerando uma representação unívoca e padronizada que possa ser utilizada para recuperação da mesma” (ALVES, 2010, p.47, 48).

2.2 Museus, memória e história oral

Os museus possuem relação íntima com a memória, segundo Maria Cristina Bruno a Museologia “identifica, articula, projeta e preserva indicadores de memórias enquadrando-se como referências patrimoniais a partir de caminhos próprios, mas sempre em conexão com outros olhares e diversos campos científicos” (BRUNO, 2020, p.20), sendo assim entendemos que objetos museológicos, acervos e bens culturais constituem suportes de memória de modo que “a memória enraiza-se no concreto, no espaço, no gesto e no objeto” (NORA, 1993, p.9). A preservação destes objetos, que podem ser extremamente relevantes para a cultura de um determinado grupo social, estaria subordinada aos espaços museológicos, que

fariam uso destes objetos para evocar narrativas e expressar ou revelar essas memórias contidas.

Entretanto, a revelação destas memórias não seria um processo estável, mas sim um campo de disputas, e sobretudo político, uma vez que há intencionalidade na escolha do que preservamos, de forma que escolhemos deliberadamente negar ou excluir memórias. Nessa perspectiva, a memória social seria um campo complexo e em constante processo de construção dedicado aos “fenômenos vivenciados por indivíduos e grupos em relação aos fatos, imagens e acontecimentos vistos do presente em direção ao passado ou a um futuro do qual se espera.” (DODEBEI, 2011 apud CHAGAS, 2017, p.31). Moraes complementa no sentido que

A memória se constitui como poder, como um contrato e uma luta pela imposição de uma hegemonia, não conseguindo e pretendendo ‘dar conta’ da complexidade social e dos processos em curso. Ao contrário, sua dimensão de poder, e portanto, sua eficácia dependem da política, cuja pretensão de controlar ou orientar a memória social é expressão dos interesses em luta. Dessa forma, toda memória social é política. (MORAES, 2005, p. 94).

A noção do escopo político na memória social é especialmente valiosa quando observamos coleções compostas por entrevistas, pois essas evocam as memórias dos indivíduos que atuaram diretamente no período histórico exposto. Para isso, a história oral surge como uma perspectiva metodológica de coleta de testemunhos, recuperando o vivido conforme concebido por quem viveu “a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação.” (THOMPSON, 1992, p.44).

A História Oral também pode possuir diversos tipos, neste trabalho veremos duas de suas metodologias: história de vida, que propõe ao depoente o registro da sua trajetória, e temática, que diz respeito ao registro das experiências de um indivíduo ou grupo com um tema ou assunto pré-estabelecido. Dentro desta perspectiva metodológica a entrevista constitui um documento ímpar, passível de diferentes interpretações, que demanda ações de preservação voltadas para manter sua totalidade. Isso ocorre pois é um documento contextual que depende de variáveis únicas que manifestam-se somente no momento de sua produção, de maneira que não existem duas entrevistas iguais, por isso a preservação desses registros deve ser pensada levando em conta uma série de características exclusivas que serão abordadas ao longo deste trabalho.

3 A CONSOLIDAÇÃO DO MUSEU DA PESSOA E DO MEMORIAL DA RESISTÊNCIA

Selecionar as instituições para essa pesquisa não foi uma tarefa fácil, mesmo utilizando recortes temáticos que sinalizavam sobre a necessidade de uma presença virtual e a existência de coleções de depoimentos registrados digitalmente. Entretanto, a escolha de analisar o Museu da Pessoa e o Memorial da Resistência, se deu em função das grandes diferenças e algumas semelhanças, que em uma primeira análise, podemos identificar entre estas duas instituições.

Inicialmente o Museu da Pessoa e o Memorial da Resistência dividem muitas características comuns: são instituições que publicizam seus acervos no ciberespaço, trabalham diretamente com a memória social, possuem em seus acervos entrevistas e testemunhos que estão relacionadas a momentos políticos e econômicos da história do Brasil, e por meio da preservação e divulgação valorizam histórias de vida de diferentes pessoas. Entretanto, também possuem diferenças significativas na sua organização e gestão.

Por mais que as instituições possam ser consideradas Museus Virtuais o Museu da Pessoa atua exclusivamente no ciberespaço enquanto o Memorial da Resistência funciona como extensão de uma instituição no ciberespaço⁹, além disso o Museu da Pessoa é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP, e segundo a Lei 9.790/1999, regulamentada pelo Decreto 3.100/1999 as OSCIPS são qualificadas como pessoas jurídicas de direito privado sem fins lucrativos (BRASIL, 1999), no caso do Museu da Pessoa com o objetivo de promover a cultura. Enquanto isso, o Memorial da Resistência está subordinado ao Governo do Estado de São Paulo, e é gerido pela Associação Pinacoteca de Arte e Cultura - APAC. Ademais, os acervos das instituições embora tenham em parte o mesmo suporte - entrevistas, testemunhos e depoimentos - variam em determinadas características, o Museu da Pessoa preserva histórias de vida, utilizando para isso além dos depoimentos em vídeo, fotografias e outros materiais, enquanto o Memorial da Resistência promove a valorização e preservação das memórias da

⁹ Por mais que o Memorial da Resistência exista como uma instituição física, entendemos a sua extensão no ciberespaço como Museu Virtual de acordo com a definição de Lima, Mendes (2009, p.137) onde os autores afirmam que Museus Virtuais “podem existir como extensão de um museu ou coleção física”.

repressão e da resistência política no Brasil republicano, especialmente no período da ditadura cívico-militar.

Essas similaridades e diferenças provocam mudanças significativas na gestão destes espaços, conforme veremos nos capítulos seguintes, mas sobretudo apontam para a variedade de formatos em que o fenômeno dos Museus Virtuais manifesta-se.

3.1 Museu da Pessoa

A criação de uma instituição desterritorializada que busca preservar histórias de vida seria considerada quase impossível algumas décadas atrás, ainda mais uma instituição que tem por missão “transformar a história de toda e qualquer pessoa em patrimônio da humanidade” (Museu da Pessoa, 2023, documento eletrônico). Entretanto, o suporte digital permite desvencilhar-se de limitações físicas presentes em ambientes tradicionais, e a equipe do Museu da Pessoa foi principiante ao perceber essa característica em 1997, quando o museu passou a atuar no ciberespaço. Mas para compreender exatamente a dimensão que o Museu da Pessoa tomou nas suas quase três décadas de existência precisamos traçar sua história partindo da origem da instituição.

O Museu da Pessoa foi criado oficialmente em 1991, mas seu embrião surgiu três anos antes fruto do projeto "Heranças e Lembranças: imigrantes judeus para o Rio de Janeiro", realizado na cidade do Rio de Janeiro entre 1988 e 1991. Este projeto pesquisou, através de depoimentos de história oral, documentos e objetos a imigração de judeus para o Rio de Janeiro, resultando em duas exposições com os 750 objetos identificados e catalogados. A primeira exposição no Museu Histórico do Rio de Janeiro e a segunda no Museu da Imagem e do Som de São Paulo. (WORCMAN, 2021, p.19-20). Neste último local, parte interativa da exposição era composta por uma cabine que permitia aos visitantes inscreverem-se para contar sua história, este pequeno estúdio chamava-se Museu da Pessoa e trazia a seguinte chamada, repetida posteriormente em seu *site*: “Transformar a história de toda e qualquer pessoa em patrimônio da humanidade” (WORCMAN, 2021, p.105).

Encerradas as exposições “Memória & Migração”, os objetos e registros provenientes das entrevistas realizadas foram utilizados por Karen Worcman, idealizadora e diretora do Museu da Pessoa, para a criação de um espaço físico

dedicado à preservação das memórias destes indivíduos, e em 1992 foi criado formalmente de forma privada em São Paulo o Museu da Pessoa.

Inicialmente sem presença virtual, esta viria somente mais tarde em 1997, o pequeno espaço físico dedicava-se ao aprimoramento das tecnologias de coleta da história oral e armazenamento do crescente acervo. Entre 1992 e 1996 foram realizados alguns projetos como a “História em multimídia do São Paulo Futebol Clube” em parceria com o São Paulo FC, “Memórias do Comércio em São Paulo” em parceria com o Sesc SP, “Memória Oral do Idoso” em parceria com a Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo. O foco da instituição sempre foi a coleta de histórias de vida através das entrevistas, neste sentido o Museu sempre precisou adaptar-se à utilização de novas tecnologias e já entre 1994-1996 utilizou o CD-ROM - tecnologia recente para época - como suporte para armazenamento de depoimentos.

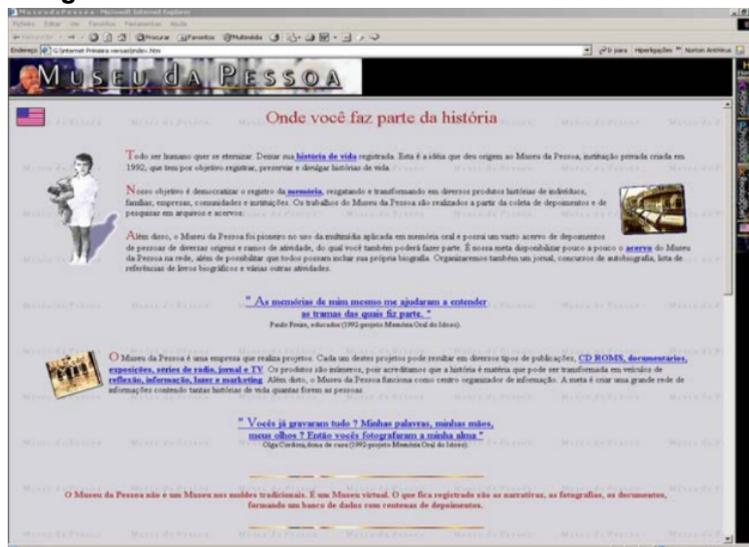
Neste período já se falava sobre formas de democratizar o acesso ao acervo do Museu, as entrevistas passaram a ser coletadas em cabines itinerantes dispostas em espaços que facilitam a interação com o público: “Já se discutiam neste momento, algumas estratégias voltadas para a criação de canais abertos ao público, para permitir que toda e qualquer pessoa pudesse registrar sua história.” (WORCMAN, 2021, p.110). Estas foram projetadas para serem montadas e desmontadas com facilidade, funcionando como um pequeno estúdio audiovisual completo. Além das cabines, totens foram dispostos em locais de intenso fluxo de pessoas, sempre na cidade de São Paulo, eram pensados como formas de divulgação do acervo.

A transição para a atuação em um ambiente virtual ocorreu aos poucos, até porque a internet em 1996 no Brasil tinha utilização muito restrita, não sendo acessível a um grande número de pessoas, podemos afirmar que a internet “engatinhava” em nosso país, de maneira que neste mesmo ano estima-se que o número de usuários da internet no país não passava de 600.000 (MAZZEO, 2000, p.15). Entretanto, isso não impediu que no final deste mesmo ano o Museu da Pessoa já estivesse desenvolvendo sua primeira página na web, que foi ao ar em 1997 integrada ao portal UOL¹⁰. Este primeiro espaço ainda não realizava a

¹⁰ O Universo Online - UOL é uma empresa brasileira de conteúdo, produtos e serviços na internet. Notável por ser pioneira na difusão de conteúdo na internet brasileira a partir de 1996, em 1997 o site do Museu da Pessoa foi convidado a integrar a rede do UOL, onde ficou hospedado em seus servidores até 2001. (WORCMAN, 2021, p.112).

publicização extensa do acervo, possuía caráter institucional e funcionava como uma espécie de folheto eletrônico apresentando o museu (HENRIQUES, 2004, p.103).

Figura 1 - Primeira versão do site do Museu da Pessoa



Fonte: Henriques, 2004, p.101.

Ainda no final da década de 90 o site do Museu da Pessoa passou a permitir que os usuários enviassem suas histórias de vida via texto, onde eram indexadas ao portal e disponibilizadas na rede. É interessante ressaltar que mesmo com a transição gradual para o ciberespaço a instituição ainda necessita de um espaço correspondente na cidade, onde são armazenados os suportes físicos do acervo.

Conforme aumentava o reconhecimento da instituição surgiram novos horizontes e o museu passou a oferecer a organização de projetos de memória, tanto para organizações sociais quanto para empresas, essa viria a tornar-se a sua maior linha de atuação, onde através do registro de memórias pessoais dos funcionários e colaboradores a instituição passa a criar bancos de memória para empresas, fundações e sindicatos. (WORCMAN, 2021, p.113). Nos anos seguintes, a instituição cresceu consideravelmente, criando e fortalecendo redes de memória. Para isso, o site do museu era atualizado conforme aumentava a perspectiva de atuação da instituição, e cada vez mais o acervo era publicizado e aumentavam também as possibilidades de interação com o público, tanto por meio do envio de histórias quanto pela divulgação das entrevistas em arquivos de áudio e vídeo. Neste sentido podemos afirmar que gradualmente a instituição foi expandindo sua frente de atuação no ciberespaço, e dessa forma contribuindo para a construção dos

museus virtuais no Brasil, conforme observamos pela escolha da instituição como objeto de pesquisa de trabalhos importantes para a área, como é o caso de Henriques (2004) e Magaldi (2010).

Ao longo da primeira década do século XXI a instituição investiu de maneira ampla no aprimoramento de sua metodologia de coleta e tratamento das entrevistas e histórias de vida, e através de toda experiência adquirida nas construções de redes de memória o Museu da Pessoa desenvolveu sua Tecnologia Social da Memória (Museu da Pessoa, 2009). Esta publicação é, segundo Worcman o “um dos maiores ativos do Museu da Pessoa” e “um grande marco na trajetória do Museu” (2021, p.125 e 129). A publicação tinha como objetivo difundir práticas de registro, preservação e socialização de histórias de vida, um pequeno guia trazendo alguns conceitos como memória, memória coletiva, história de vida e história oral entre outros. Este guia está disponível no portal do Museu da Pessoa¹¹, e comunica de maneira precisa os principais passos da organização de um projeto de memória, desde o primeiro momento de compreensão do patrimônio, até as questões práticas de identificação e preservação dos registros, licenciamento de imagem, gravação, edição, tratamento e transcrição.

Desde então o Museu da Pessoa vem desenvolvendo mais ferramentas e projetos, como é o caso do recurso implementado no seu site que permite ao público montar sua própria coleção através da seleção de histórias e depoimentos presentes no acervo da instituição, possibilitando uma curadoria colaborativa. O museu virtual, assim como o tradicional, não é estático e está em constante mutação e experimentação, essa característica é apontada por Magaldi:

O Museu está em constante transformação. Enquanto instância de captura, preservação e transformação de histórias de vida, ele se transforma. O Museu da Pessoa seria entendido como um museu virtual tanto pelo seu caráter desterritorializado, quanto por estar no âmbito da transformação, no ciberespaço. (MAGALDI, 2010, p.144)

Do ponto de vista organizacional, mesmo que esteja presente no ciberespaço, o Museu da Pessoa divide seu acervo em coleções e possui uma rotatividade de exposições que exploram temáticas diversas e chegou a possuir plano museológico

¹¹ Disponível em:

<https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/livro_tecnologia_social_da_memoria.pdf>. Acesso em 03/02/2023.

entre o período de 2019-2021, hoje observa-se a necessidade de atualização deste documento. Além disso, o museu possui um setor educativo que oferece cursos e publicações sobre metodologias de coleta de memórias de forma gratuita, entretanto caso seja do interesse do visitante é possível tornar-se um núcleo na rede de Núcleos do Museu da Pessoa mediante pagamento anual, esta iniciativa tem como objetivo expandir os locais de atuação da instituição e também prover acesso a sua plataforma de gestão de acervo, delegando uma maior autonomia para interessados em preservar a história de coletivos, grupos comunitários, ONGs, escolas e até de empresas da iniciativa privada.

Figura 2 - Página de Divulgação do Programa de Núcleos do Museu da Pessoa

Investimento

Para garantir a rede de Núcleos Museu da Pessoa e seus benefícios é cobrado um valor anual, que pode ser pago em até 10 parcelas mensais. Para pagamentos à vista é aplicado um desconto de 10%. Os valores das contribuições são definidos pelo tipo de iniciativa:

Valor Anual	Categoria	Beneficiários
R\$ 1.350,00 /ano	Categoria 1	• Coletivos • Grupos comunitários
R\$ 4.000,00 /ano	Categoria 2	• ONGs • Escolas Públicas
R\$ 9.350,00 /ano	Categoria 3	• Iniciativa privada • Apoio estatal

[Registre seu interesse](#)

Como auxiliamos a transformar histórias de vida em produtos culturais

✓ Formação a distância com:

- 20 horas de conteúdo na plataforma EAD do Museu da Pessoa
- Oito encontros de 2h cada de mentoria especializada
- Acompanhamento das vivências das metodologias e feedbacks personalizados
- Auxílio na construção do Plano de Trabalho
- Certificação

Fonte: Núcleos Museu da Pessoa, 2023, documento eletrônico.

O principal meio de acesso às histórias de vida e objetos que compõem o acervo do Museu da Pessoa é através do subdomínio dedicado à publicização do acervo¹², neste local é possível navegar pelos itens que são disponibilizados publicamente e também utilizar a ferramenta “monte sua coleção”. Apesar da instituição possuir uma rotatividade de exposições elaboradas pela equipe curatorial do museu, que são apresentadas em seu domínio principal¹³, o seu acervo público permanece acessível para todos os interessados, dessa forma percebemos que uma das características do museu virtual é que ele não está sujeito a limitações físicas de salas expositivas no que tange a publicização do seu acervo, isto é enquanto uma

¹² Disponível em: <acervo.museudapessoa.org/>. Acesso em 03/02/2023.

¹³ Disponível em: <museudapessoa.org/exposicoes/>. Acesso em 03/02/2023.

instituição tradicional teria grande dificuldade em permitir o acesso a sua reserva técnica e disponibilizar o seu conteúdo, o museu virtual não está limitado a um espaço físico¹⁴, e por mais que somente a disponibilização do acesso ao acervo não transmita uma narrativa e não componha um circuito expográfico, certamente é uma das características que proporcionam ao público novas formas de interação e experimentação no ciberespaço.

Ainda no que diz respeito às nuances do acervo do Museu da Pessoa, a possibilidade de envio de histórias de vida e depoimentos por parte dos visitantes pode parecer um pouco problemática sob o ponto de vista da curadoria durante a aquisição de acervo, uma vez que a disponibilização desta ferramenta abre precedentes para que sejam enviados conteúdos que não estejam alinhados com os objetivos de preservação da instituição ou mesmo que comuniquem mensagens de cunho preconceituoso ou profano. Desta forma a instituição mantém um controle sobre as histórias que são incorporadas ao seu acervo, descartando qualquer item que não esteja de acordo com sua política. No entanto, é nos projetos desenvolvidos pela própria instituição que o museu encontra sua maior linha de atuação, buscando elaborar projetos que contemplem a preservação das memórias de grupos variados, registros estes que são convertidos em exposições. Exemplos de exposições desse tipo são: “Vidas Indígenas: modos de habitar o mundo” (2022), “Diários da Pandemia: um dia por vez” (2021), “Vidas Negras” (2020), “Idade do Pensar” (2019). Algumas dessas são criadas através de incentivos públicos, outras são elaboradas com os próprios recursos do museu, uma vez que a instituição busca adquirir novos materiais sobre assuntos que considera insuficientes em sua coleção.

Desde sua concepção, seu objetivo sempre foi “permitir que cada pessoa tenha o direito e a oportunidade de ter sua história de vida eternizada e reconhecida como uma fonte de conhecimento e compreensão pela sociedade.” (Museu da Pessoa, 2022, documento eletrônico). Hoje compreende em seu acervo mais de 20 mil histórias de vida, 60 mil fotos e 5 mil vídeos. A gestão desse vasto acervo no que se refere a preservação e documentação dos itens será discutida mais profundamente no próximo capítulo.

¹⁴ Salvo exceções de museus virtuais que simulam espaços físicos, como por exemplo o Museu Virtual de Artes <voma.space>. Entretanto, mesmo simulando espaços físicos, o processo de atualização destes ambientes é facilitado se comparado às contrapartidas tradicionais.

3.2 Memorial da Resistência

O Memorial da Resistência surgiu a partir da restauração do prédio que hoje ocupa no bairro Santa Efigênia em São Paulo, a edificação foi construída entre 1906 e 1914 e do momento da sua conclusão até 1938 abrigou os escritórios e armazéns da Companhia Estrada de Ferro Sorocabana. Após 1940 sua administração passou para o poder público e abrigou, entre 1924 e 1983, o Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo - Deops-SP. O órgão utilizado durante o Estado Novo e mais tarde durante a Ditadura Militar foi criado em 1924, através da Lei n.2034 que determinou a criação da Delegacia de Ordem Política e Social (SÃO PAULO, 1924), sua função seria de manter a ordem através da investigação de ameaças de cunho político, como o partido Integralista na época, e também de cunho social, que seriam sindicatos, associações e movimentos considerados subversivos pelo governo. Na prática o Deops foi utilizado como agente do Estado na perseguição de adversários políticos, minorias, movimentos sociais, sindicatos e trabalhadores organizados. O órgão em São Paulo já havia atuado intensamente nos períodos que antecederam a Revolução Constitucionalista de 1932 e após a retomada do controle do Estado de São Paulo pelo Governo Provisório em 1934 também, perseguindo e censurando não só adversários políticos, mas também intelectuais. Após o golpe militar de 1964 o órgão passou a atuar com uma brutalidade muito maior, de modo que o espaço, hoje ocupado pelo Memorial da Resistência, foi utilizado ativamente na repressão, prisão, tortura e execução de perseguidos.

A escolha deste espaço para abrigar a instituição não ocorreu por acaso, os corredores hoje utilizados pelo público já viram vítimas da ditadura, de forma que o prédio é parte fundamental do Memorial da Resistência pois funciona como o principal lugar de memória da repressão sofrida na capital paulista. Segundo Pierre Nora os lugares de memória funcionam como espaços de cristalização da memória, onde ela pode refugiar-se mediante o iminente esquecimento, pois “Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria.” (NORA, 1993, p.13). O prédio foi desocupado após o fim da ditadura com a extinção do Deops-SP em 1983 e passou a ser ocupado pela Delegacias de Defesa do Consumidor - Decon. E em 1997 sua gestão foi transferida a Secretaria de Cultura, sendo tombado em 1999 pelo

Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico - Condephaat. Logo após seu tombamento iniciou-se um movimento para sua restauração, o objetivo era que o local passasse a abrigar um memorial que preservasse a estrutura das celas e corredores por onde passaram vítimas da ditadura.

Finalizada a restauração, em 2002 foi inaugurado no local o Memorial da Liberdade, sob gestão do Arquivo do Estado, entretanto em 2004 a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo cedeu a administração do edifício para a APAC e durante 2 anos, até 2006, a pinacoteca dividiu o espaço com o então Memorial da Liberdade (MEMORIAL DA RESISTÊNCIA, 2018, p. 47). Entretanto, após a realização do Fórum Permanente de ex-Presos e Perseguidos Políticos do Estado de São Paulo em 2006, ocorreu uma mobilização pela mudança do nome do local, de modo que “Liberdade não era um termo adequado para um lugar que tantas pessoas sofreram e morreram.” (MEMORIAL DA RESISTÊNCIA, 2022, documento eletrônico).¹⁵ Outra problemática do espaço na época era que a restauração realizada poucos anos antes tinha descaracterizado a região ocupada pelas celas, de tal maneira que esse lugar não correspondia às expectativas de um lugar de memória (MEMORIAL DA RESISTÊNCIA, 2018, p. 47): “(...) os restauros arquitetônicos implementados por políticas públicas interessadas em passar um verniz sobre o passado político do Brasil República ou das duas ditaduras (...)” (ARAUJO, BRUNO, 2009, p.40).

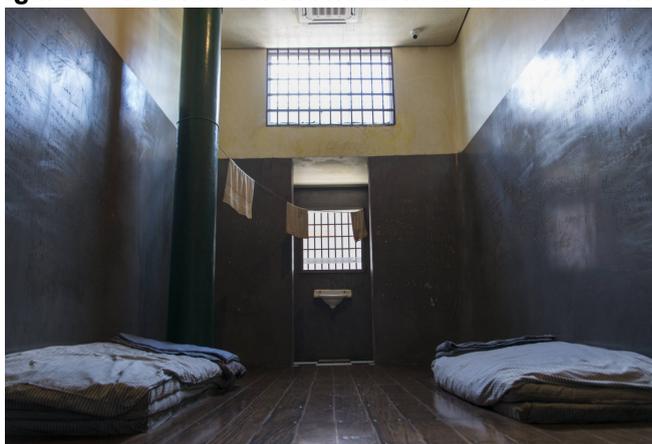
Esse conjunto de questões fez com que a Pinacoteca assumisse a administração do prédio por completo em 2006, e por conseguinte, a gestão do Memorial. Em 1º de maio de 2008 foi realizado um novo projeto para o espaço, este já instituiu o local como Memorial da Resistência e pretendia recuperar as características das quatro celas para que esta memória não fosse perdida. Finalmente, em 24 de janeiro de 2009 o Memorial da Resistência abriu suas portas, com o objetivo de preservar e comunicar a história política desse momento sombrio do Brasil.

O Memorial da Resistência hoje atua ativamente na criação e alimentação de redes de memória, com o objetivo de valorizar e preservar os registros e as lembranças daqueles que lutaram pela democracia. A instituição faz parte da Coalizão Internacional de Lugares de Consciência, compondo a Rede Latinoamericana e Caribenha de Lugares de Memória - RESLAC. Observamos que

¹⁵ Disponível em: <<http://memorialdaresistencia.org.br/historico/>>. Acesso 05/02/2023.

a relação do Memorial com seu prédio é muito significativa, e por ser um local de memória tão relevante para a luta pelo fim da ditadura, serve como ponto de partida para qualquer pesquisa sobre a repressão no Estado de São Paulo. A administração da instituição tem plena consciência disso, e após a restauração de 2008 as quatro celas receberam diferentes propósitos, a primeira apresenta a trajetória vivenciada pela equipe que concebeu a exposição, a segunda presta uma homenagem ao mesmo tempo que chama a atenção para os mortos e desaparecidos durante a ditadura, a terceira cela reconstitui as características daquele espaço a partir de um “entrelaçamento de memórias individuais” (ARAUJO, BRUNO, 2009, p.86), por fim, a última cela traz um ambiente onde o visitante pode ouvir os testemunhos coletados pela instituição.

Figura 3 - Cella restaurada no Memorial da Resistência



Fonte: Memorial da Resistência, 2023, documento eletrônico.

A Coleta Regular de Testemunhos é uma das mais importantes linhas de ação do Memorial da Resistência, o objetivo é “reconstituir a memória política brasileira através da técnica da História Oral” (ARAUJO, BRUNO, 2009, p.49) através da coleta de testemunhos de ex-presos políticos, familiares de mortos e desaparecidos e de pessoas reprimidas pela ditadura. Inicialmente a instituição estava interessada somente na preservação das memórias relacionadas à luta armada, entretanto conforme seu acervo foi sendo alimentado o Memorial identificou outras frentes de atuação, concluindo que a repressão atingiu de formas diferentes outros grupos sociais além daqueles que lutaram ativamente pelo fim da ditadura. Dessa forma, a partir de indicações dos próprios entrevistados a equipe da instituição foi primaz em

reunir testemunhos variados, sempre mapeando pessoas e locais citados, criando uma rede de memórias e um acervo cada vez mais diverso.

A sede física do memorial, além de preservar o prédio como local de memória, concentra circuitos expositivos que apresentam o acervo variado da instituição, além das entrevistas são preservados outros registros como fotografias e documentos embora o foco principal seja nos testemunhos. Quanto a publicização do acervo pela instituição, esta ocorre no *site* do Memorial da Resistência <memorialdaresistencia.org.br/acervo>, e estão publicizados até o momento somente entrevistas e outros lugares de memória identificados no estado de São Paulo.

O objetivo sempre foi que as linhas de ação do memorial superassem os limites físicos das quatro celas (ARAUJO, BRUNO, 2009, p.57), dessa forma a apresentação deste conteúdo no ciberespaço, por meio da plataforma Tainacan desde 2021, é um passo na consolidação da instituição e da ampliação dos seus horizontes de atuação.

Figura 4 - Página do acervo publicizado do Memorial da Resistência



Fonte: Memorial da Resistência, 2023, documento eletrônico.

Ao todo estão disponíveis no *site* para consulta 166 testemunhos e 490 lugares de memória, que não estão organizados em conjuntos expositivos, mas sim nas seguintes coleções: exposições, implantação do memorial, lugares de memória, memórias da ditadura civil-militar, e antigo edifício do Deops/SP. O acervo da instituição é apresentado como uma grande base de dados disponibilizada no ciberespaço para consulta e sua publicização vai ao encontro do objetivo de democratizar o acesso à informação e possibilitar a difusão destas memórias no ciberespaço.

4 DOCUMENTAÇÃO E PRESERVAÇÃO DE COLEÇÕES DIGITAIS

Antes de detalhar os processos de gestão de acervo do Museu da Pessoa e do Memorial da Resistência identificados através das entrevistas realizadas com seus coordenadores (Apêndice A), é interessante entender que, de maneira geral, a situação atual da gestão de acervos em ambientes digitais no Brasil ainda é um grande desafio para muitas instituições, sejam estes acervos natodigitais - criados exclusivamente em meio eletrônico - ou até acervos físicos digitalizados que são inseridos em plataformas de gestão e publicização. Isso ocorre por uma série extensa de motivos, desde a falta de intimidade dos profissionais de museus com a implementação de novas tecnologias e resistência em aprender sobre sua utilização até a questão dos custos de manutenção associados à implementação da infraestrutura necessária, pois a utilização de um sistema de gestão ou publicização prevê a existência de computadores, servidores e no mínimo um profissional com capacitação técnica dedicado à manutenção desta rede.

Entretanto, é imperativo que cada vez mais instituições busquem a implementação de sistemas de gestão de acervo, não somente por facilitar o controle dos objetos que integram suas coleções, mas também por proporcionar a possibilidade de publicização, exímia oportunidade para a disseminação e valorização do acervo assim como para a divulgação da instituição. Dessa forma, entendemos que a implementação de acervos em programas ou sistemas de gestão é um passo importante para o campo museal no Brasil, de modo que além das questões pontuadas acima a utilização destes sistemas a nível institucional é o ponto de partida para a difusão de sistemas de informação que reúnam acervos diversos, aliás “os museus brasileiros encontram muitas dificuldades em se organizar como sistemas que devem ser, de informação, isto é, intermediários entre documentos/objetos e usuários.” (FERREZ & BIANCHINI, 1987, p. XVI apud CASTRO, 2009, p. 156). Em que pese considerarmos ainda a existência da dificuldade indicada pelas autoras, cabe apontarmos os esforços do IBRAM, nos últimos anos, para a criação de uma rede que congregue todos os museus sob sua administração. Neste sentido, está em fase de teste a *Brasiliana Museus*, agregador de dados dos museus do IBRAM, rede que ao final de sua implementação deve reunir 17 mil itens em 22 coleções de mais de 20 museus federais (SIQUEIRA, MARTINS, MEDEIROS, 2022, n.p.), o portal, ainda em fase de testes, pode ser

acessado através do seguinte link <<http://integracaoibram.tainacan.org/>>, e funciona a partir das instalações individuais do Tainacan em cada instituição.

Para a efetiva implementação de sistemas de recuperação de informação do tipo, seria natural observar iniciativas internacionais como a Rede de Informação e Patrimônio Canadense¹⁶, o Sistema de Informação das Coleções do Smithsonian¹⁷ nos Estados Unidos ou a Rede Portuguesa de Museus¹⁸. Entretanto, é inviável pois estas “não disponibilizam documentação suficiente e são claramente muito específicas à realidade informacional de cada contexto no qual estão inseridas, (...) são parametrizadas a padrões de metadados não usados no Brasil.” (SIQUEIRA, MARTINS, LEMOS, 2022, n.p.). Além disso é fundamental que para o estabelecimento de sistemas de recuperação de informação, seja implantado o conceito de interoperabilidade, isto é “a possibilidade de diversos sistemas trocarem dados entre si com perda mínima de conteúdo e funcionalidade” (SIQUEIRA, MARTINS, LEMOS, 2022, n.p.), para isso devemos pensar a o estabelecimento de um protocolo de procedimentos no tratamento da informação das coleções, estipulando um padrão de metadados e de controle de vocabulário para a documentação dos objetos, ou seja os campos que haverão de ser preenchidos nas suas respectivas fichas catalográficas precisam ser minimamente equivalentes entre todas as instituições que integram a rede, de forma a facilitar o processo de recuperação de informação.

O procedimento para o estabelecimento destas redes de informação é oneroso, envolve investimentos por parte dos governos locais e toda uma sistematização de padronização entre as instituições participantes. No caso da Rede Portuguesa de Museus, estabelecida desde 2002 pelo então Instituto Português de Museus atual Direção-Geral do Património Cultural - DGPC, foram desenvolvidos extensos manuais técnicos voltados a aplicação dos procedimentos metodológicos necessários para padronização dentro dos metadados estabelecidos, estes manuais estão disponíveis no ciberespaço¹⁹ e através deles foi possível estabelecer uma rede de recuperação de informação entre diversas instituições: a Matriznet.

¹⁶ Canadian Heritage and Information Network - CHIN. Disponível em: <<https://www.canada.ca/en/heritage-information-network.html>>. Acesso em 10/02/2023

¹⁷ Disponível em: <<https://collections.si.edu/search/>>. Acesso 10/02/2023

¹⁸ Disponível em: <<http://matriznet.dgpc.pt/>>. Acesso 03/03/2023

¹⁹ Disponível em: <<http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/NormasInventario.aspx>>. Acesso em: 08/03/2023

De forma geral existem uma série de publicações de padronização de metadados que podem ser seguidas ou utilizadas como base para elaboração de uma padronização própria. Entretanto, no Brasil, ainda não há iniciativa formal por parte de órgãos como o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM para a definição de uma padronização de metadados ou procedimentos de documentação de forma que os metadados para identificação de bens culturais de caráter museológicos, bibliográfico e arquivístico integrantes do Inventário Nacional de Bens Culturais Musealizados - INBCM, estabelecidos através da resolução normativa nº2 de 29 de agosto de 2014, atualizada posteriormente em 31 de agosto de 2021, não podem “ser considerados um guia de catalogação, tão pouco padrão de metadados, pois não apresenta orientações formais acerca dos preenchimentos de metadados” (SIQUEIRA, MARTINS, LEMOS, 2022, n.p.).

Diversos motivos podem ser apontados como impedimentos para a utilização, por parte de grande maioria das instituições, de padrões de metadados e de vocabulários controlados e normas para a documentação dos acervos museológicos no Brasil. Desde a falta de investimento por parte do governo até a demora para o estabelecimento de um órgão governamental voltado para questões museológicas, de forma que o IBRAM foi criado somente em 2009. No caso dos museus federais, sob a administração direta do IBRAM, algumas destas dificuldades são apontadas por Oliveira e Feitosa (2021), no processo de implantação do repositório Tainacan, entre elas estão a carência de profissionais qualificados para atuarem na documentação museológica, falhas nos sistemas de documentação adotados pelas instituições, pouca informação disponível sobre os itens, divergência de informações e baixa qualidade de imagens. (OLIVEIRA, FEITOSA, 2021, p.81). Outras dificuldades, relacionadas ao sistema de documentação e falta de uso de padrões de metadados na descrição dos itens do acervo, são apontadas por Dalton Martins e Luciana Martins (2021):

Ainda não há um consenso na área a respeito de um padrão de metadados a ser amplamente adotado, assim com vocabulários controlados também não é algo consensuado e amplamente disseminado no país. Vale reforçar que apenas pela adoção desse tipo de padrão e sua disponibilização em formatos computacionais consumíveis por máquina, que vamos avançar na disponibilização desses acervos em redes de informação de maior circulação e amplo alcance na internet. (MARTINS, D., MARTINS, L., 2021, p.104)

O objetivo deste trabalho não é discutir essa falta de padronização ou a sua criação que certamente há de vir em algum momento, mas entender como as instituições brasileiras foram desenvolvendo suas próprias metodologias de documentação com foco em acervos natodigitais ou digitalizados. Para isso, escolhemos observar o acervo de entrevistas por tratar-se de uma tipologia com características muito particulares, pois ela prevê não só o registro do depoimento, que pode ser armazenado na íntegra em arquivo de áudio ou vídeo, mas também o registro do depoente, além disso a partir das informações cedidas inúmeros metadados podem ser observados na documentação destes depoimentos como veremos a seguir. Para apresentação destes metadados e das fichas catalográficas, optamos pela elaboração de quadros baseados nos manuais de preenchimento das instituições que podem ser conferidos nos Apêndices C, D, E, F.

Por fim, outra característica fundamental que será levada em consideração no momento desta análise é o fato de que estas instituições publicizam seu acervo no ciberespaço, o ato que pode parecer simples pressupõe uma série de procedimentos técnicos relacionados a gestão do acervo, principalmente no que diz respeito à documentação de arquivos digitais. Estes procedimentos, no seu caráter mais técnico, estão relacionados à padronização do formato de arquivo, escolha de servidor para armazenamento do objeto, medidas de segurança para o acesso à base de dados, entre outras questões.

4.1 Museu da Pessoa

O estabelecimento das atuais práticas de gestão de acervo do Museu da Pessoa ocorreu através de um processo extenso ao longo da consolidação da instituição, pautado principalmente pelos desafios que a sua tipologia ímpar de acervo demanda. Mesmo disponibilizando seu acervo no ciberespaço desde 1997 foi necessário a criação de uma sede física permanente em meados dos anos 2000²⁰, nesta localidade a equipe realizou os primeiros procedimentos de inventário e de preservação, uma vez que antes disso “O material audiovisual era simplesmente armazenado em uma sala, com poucas preocupações técnicas quanto à organização e acondicionamento.” (VIEIRA, 2019, p.16).

²⁰ Atualmente no endereço Rua Natingui, 1100, no bairro da Vila Madalena na capital paulista.

Estes primeiros procedimentos de inventário diziam respeito à organização e catalogação sistemática do acervo, principalmente no que se refere às fichas de registro, licenças de uso da imagem, mídias analógicas e arquivos de imagem. Porém, até este momento a instituição não contava com práticas adequadas para gestão do seu acervo e apesar de já ser objeto de pesquisa no campo da Museologia, foi somente em 2012-13 que se implantou oficialmente a área de Museologia na instituição, acontecimento que teve como resultado um extenso processo de revisão do acervo e de suas ferramentas de controle. Assim, as fichas de campo que catalogam as entrevistas foram reformuladas, agora pelos museólogos, assim como os termos de doação e licenças de uso de imagem. Também foi estabelecida a normatização e controle do fluxo interno de acervo, desde o momento de captação até a guarda na reserva técnica, onde foram implementadas políticas de preservação e organização (VIEIRA, 2019, p.17). Hoje, cada entrevista, foto ou documento constitui uma unidade do acervo e possui ficha de registro específica, de forma que o conjunto total de acervos ocupa um espaço superior a 300 TB nos servidores de armazenamento do museu, entretanto neste trabalho nos ativemos somente aos procedimentos relacionados à documentação das entrevistas, e, portanto, desconsideramos as práticas de gestão de acervo relacionadas a estes outros objetos.

A partir do momento que a entrevista é finalizada seu arquivo digital é copiado para outros suportes de armazenamento, transcrita e minutada. Assim, cada entrevista integrada ao acervo pode gerar uma série de documentos, entretanto abordaremos nesta pesquisa somente os mais relevantes para a documentação das entrevistas, neste caso a Ficha de Cadastro da História e a Ficha de Cadastro de Personagem. Estas fichas são chamadas de “entidades” em alusão ao seu conceito informático dentro do banco de dados²¹ e estão relacionadas entre si através de uma funcionalidade da plataforma de gestão de acervo chamada de “relacionamento 360”, que permite o relacionamento entre entidades. O Museu da Pessoa possui manuais extensos sobre a utilização de sua plataforma e o preenchimento dos campos em suas entidades.

²¹ Uma entidade é algo do mundo real que possui uma existência independente. Uma entidade pode ser um objeto com uma existência física - uma pessoa, carro ou empregado - ou pode ser um objeto com existência conceitual - uma companhia, um trabalho ou um curso universitário. Cada entidade tem propriedades particulares, chamadas atributos, que a descrevem. (TAKAI, ITALIANO, FERREIRA, 2005, p.23).

Para a realização destes procedimentos de registro e documentação, a instituição conta com uma plataforma de gestão de acervo exclusiva criada pela própria equipe de desenvolvimento do Museu da Pessoa. Esta plataforma possibilita o acesso às bases de dados que armazenam o conteúdo do acervo do Museu da Pessoa, disponibilizando ferramentas que permitem sua organização, acesso e difusão através da edição ou adição de objetos ao acervo da instituição. As funcionalidades desta plataforma são bem semelhantes a softwares como o Tainacan por exemplo, com a característica que por ser desenvolvida pela própria equipe da instituição permite ciclos de entrega de atualizações voltados para necessidades identificadas pelos usuários, isto é, a equipe que alimenta o repositório.

A inserção das entrevistas nesta plataforma ocorre através do preenchimento das entidades (fichas catalográficas), a principal entidade a ser preenchida é a de Cadastro de História, de forma que esta é o ponto de partida para o preenchimento e estabelecimento de relacionamentos com qualquer outra entidade necessária, esta traz seis seções de preenchimento, sendo as seguintes: Informações Básicas, História na íntegra, História Editada, Palavras-Chave, Ficha Técnica e Relacionamentos. No Apêndice C podem ser conferidos os metadados das seções de Informações Básicas e História na Íntegra, junto com sua descrição de preenchimento referentes a esta entidade.

Observamos que esta seção traz informações extremamente relevantes, como os metadados referentes à preservação digital, especificando a extensão de arquivo: “AVI, ASF, FLV, MKV, MOV, MP4, WMV, NATIVO, MP3, WMA, WAV, AAC, AIFF, PCM, FLAC”, e também o suporte original da entrevista, onde é possível escolher uma das 10 opções: “LTO-7 / HDD Externo / MiniDV / DVCAM / Betacam / Hi8 / VHS / VHS-C / DVD / CD / MiniDisc / DAT / K7.” (Apêndice C).

As outras seções de preenchimento têm as seguintes finalidades: História Editada permite adicionar a versão tratada/editada da história na íntegra com os mesmos metadados da seção anterior; Palavras-Chave permite o cadastro e adição de palavras que serão associadas a esta entidade para que o registro seja mostrado como resultado nos sistemas de busca; Ficha Técnica permite associar Pessoas ou Organizações a entidade; e por fim Relacionamentos permitem a relação entre entidades.

Além da entidade de Cadastro de Histórias, outra entidade relevante para o registro de entrevistas é a entidade de Cadastro de Pessoas (Apêndice D), esta ficha prevê o registro dos dados das pessoas que contaram suas histórias e também dos usuários que realizam a alimentação da plataforma, isto é, os profissionais dedicados ao registro e/ou edição das entidades. Esta entidade possui 3 seções de preenchimento: Informações Básicas, Contatos e Relacionamentos.

Na seção de Informações Básicas diversos dados são inseridos referentes a pessoa e suas características, nesta entidade somente o metadado “nome completo” é obrigatório, de modo que todos os outros metadados são opcionais e servem somente para complementar a documentação sobre o indivíduo na base de dados da instituição, campos como gênero, religião, raça / cor e etnia ajudam o Museu da Pessoa a elaborar coleções voltadas para questões sociais.

Nas duas outras seções da entidade de Cadastro de Pessoas as seguintes informações podem ser inseridas: na seção de Contatos é possível cadastrar formas de contato para a pessoa registrada, seja por meio de email ou telefone; e a seção de Relacionamentos funciona da mesma forma que na entidade anterior, permitindo a relação entre entidades. Há ainda outras entidades que podem ser preenchidas dependendo da necessidade, entretanto não iremos abordá-las nesta análise por considerar que elas têm uma maior relação com a organização interna da instituição do que com a gestão das entrevistas.

Todavia, através do preenchimento destas duas entidades já seria possível agregar um grande número de informações intrínsecas e extrínsecas ao objeto preservado, de forma que tanto a entidade de Cadastro de Histórias (Apêndice C) quanto a de Cadastro de Pessoas (Apêndice D) cumprem com maestria seu papel de salvaguardar elementos significativos no que diz respeito a contextualização e referência das informações cedidas através das entrevistas. Também é interessante observar como ocorre a separação das entidades que, apesar de serem relacionadas, possuem objetivos completamente diferentes, sendo o Cadastro de História, entidade principal pois é a que traz o código de registro, responsável pela descrição da entrevista e das informações referentes ao seu suporte, enquanto o Cadastro de Pessoa complementa seu conteúdo, permitindo a adição de diversos campos que ajudam a filtrar os autores das entrevistas e até quantificar a pluralidade do acervo.

A preservação dos registros digitais é realizada através do armazenamento em duas vias: uma voltada para preservação do seu conteúdo em suporte de *Linear Tape-Open* (LTO) - tecnologia de armazenamento de dados em fita magnética difundida como uma das melhores alternativas para digitalização de acervos extensos devido a sua portabilidade em relação a sua alta capacidade de armazenamento - e outra voltada para o acesso, em *Hard Drive* (HD), formato de armazenamento mais comum que pode ser conectado em qualquer computador ou notebook atualmente. Neste processo, os arquivos no suporte original são preservados, pois a digitalização dos objetos é “parte do processo de preservação do conteúdo, não apenas uma transposição do mesmo”, e por isso toda mídia original é “mantida como parte integral do acervo e submetida às condições de conservação preventiva” (VIEIRA, 2019, p.21), essa decisão reflete-se também na política de descarte do museu que somente descarta material duplicado respeitando os originais no processo conforme estabelecido no seu plano museológico 2019-2021. (VIEIRA, 2019, p.17)

Por mais que seja um museu virtual, ainda há a necessidade de organização em um espaço físico para que as mídias sejam acondicionadas e também para que sejam empregadas as ações de digitalização e preservação. Nesse sentido, é interessante observar a atuação da equipe permanente de informática do museu, que presta apoio à equipe museológica quanto às questões técnicas de armazenamento dos objetos no servidor interno da instituição e também nas plataformas de gestão e acesso ao acervo.

Em geral, podemos perceber que o Museu da Pessoa atua com certo protagonismo na trajetória dos museus virtuais no Brasil, desenvolvendo boas práticas de gestão de acervo, principalmente no que diz respeito ao gerenciamento de objetos com suportes variados. Também é interessante salientar a importância da sua equipe de informática, que atua no desenvolvimento de uma plataforma de acesso e gerenciamento de acervo própria, além de auxiliar em questões relacionadas à preservação digital. Por fim, a separação da documentação referente a entrevista e da pessoa que fornece o testemunho mostra a importância de se pensar os registros de história oral para além das informações contidas no depoimento, contextualizando não só o seu conteúdo, mas também o autor da memória.

4.2 Memorial da Resistência

O acervo do Memorial da Resistência consiste principalmente dos testemunhos de ex-presos, perseguidos políticos, familiares de mortos e desaparecidos e militantes de movimentos sociais. Além dos registros em audiovisual, somam-se também registros iconográficos e referências bibliográficas sobre diversos lugares de memória do Estado de São Paulo.²² Estes conjuntos de objetos podem ser acessados por meio do site do Memorial da Resistência, onde estão devidamente publicizados através da plataforma Tainacan desde 2021.

A publicização vai ao encontro do objetivo da instituição de ampliar o acesso a estes registros como meio para sua própria valorização, uma vez que o Memorial da Resistência busca “tornar-se instituição de referência na área de Museus e Direitos Humanos na América Latina” (BRUNO, 2019, p.12). Ao todo constam hoje 657 itens disponíveis ao público na plataforma Tainacan da instituição, sendo 166 entrevistas e 491 registros de lugares de memória.

Estes testemunhos são coletados regularmente e variam conforme novas linhas de pesquisa são implementadas na instituição, a implementação ocorre sempre que identifica-se uma deficiência de algum tema ou assunto na coleção de depoimentos, de modo que inicialmente a coleta dos testemunhos estava relacionada somente a resistência armada e gradualmente a instituição expandiu seu leque de interesses para cobrir outros temas como resistência LGBTQIA+, repressão de movimentos sociais, repressão de artistas entre outros. Desta forma o acervo do Memorial da Resistência está em constante crescimento.

Após a finalização da entrevista o material é registrado através de duas fichas diferentes, uma Ficha de Decupagem (Apêndice E) que diz respeito ao conteúdo exposto naquele depoimento e uma Ficha Técnica (Apêndice F) referente aos dados do entrevistado, com enfoque na sua relação com a repressão no estado de São Paulo, ambas as fichas possuem manual de preenchimento. Apesar de serem fichas diferentes há alguns metadados equivalentes e inclusive um bloco de metadados idêntico entre elas referente aos dados técnicos da entrevista.

A Ficha de Decupagem traz metadados que estão relacionados diretamente ao depoimento colhido, tem o objetivo de classificar as informações trazidas pelo depoente e indicar outros indivíduos que podem estar relacionados às informações

²² Disponível em: <<https://memorialdaresistencia.org.br/acervo/>>. Acesso em: 20/02/2023.

contidas na entrevista, este é um dos principais recursos para que a equipe de pesquisa do Memorial da Resistência continue o Programa de Coleta Regular de Testemunhos - PCRT, uma vez que os nomes citados ajudam no mapeamento de pessoas envolvidas e afetadas pela repressão.

Além da Ficha de Decupagem, também é preenchida a Ficha Técnica, modelo mais extenso e que abrange dados de militância política e repressão, o objetivo desta ficha é agregar informações que podem ser usadas para composição de coleções e fornecer dados importantes sobre as atividades desempenhadas pelo depoente, auxiliando na contextualização do seu depoimento.

Não há um comitê de gestão de acervo, entretanto durante os anos iniciais do Memorial da Resistência havia um grupo de ex-presos políticos que atuou como consultor e mediador para o registro dos primeiros testemunhos. Hoje, a equipe de pesquisa, composta por funcionários do próprio Memorial, é responsável pela captação e registro de novos testemunhos, sempre procurando expandir a Rede de Memória que a instituição alimenta e uma das principais ferramentas para realização deste procedimento é o registro de indicações por meio de metadados como companheiros de militância, indicações para o Programa de Coleta Regular de Testemunhos - PCRT e indicações para o Programa Lugares de Memória - PLM (Apêndice G).

Também observamos que, assim como no Museu da Pessoa, as informações de vida do entrevistado são muito valorizadas através das fichas catalográficas, de modo que metadados que referenciam as experiências pessoais dos depoentes são registrados e ajudam a contextualizar as memórias compartilhadas nas entrevistas. Da mesma forma, o Memorial da Resistência realiza a divisão dos registros das entrevistas em duas fichas distintas com informações diferentes, mas que estão associadas.

No que se refere ao preenchimento do bloco de dados da entrevista é particularmente interessante observarmos a ausência de metadados relacionados à materialidade física destes registros, de modo que não temos informações referentes ao seu suporte tecnológico. A princípio a ausência destes dados pode vir a dificultar futuras ações de preservação, uma vez que parte fundamental da preservação digital é, se não a padronização, pelo menos o registro das informações referentes ao tipo de arquivo. Entretanto, a instituição reconhece a importância destas questões e está desenvolvendo um diagnóstico do acervo voltado para captação destes dados

e futuramente aplicar ações definitivas de preservação a fim de que sejam minimizadas as ameaças ao conteúdo digital. Quanto ao armazenamento das entrevistas, esta ocorre em duas etapas: a primeira em um servidor interno da instituição para preservação, e a segunda por meio de uma cópia, que é feita e disponibilizada em um servidor externo e público voltada para a consulta de pesquisadores, de modo que o acesso ao servidor interno da instituição seja restrito.

Novamente observamos que a equipe de informática da instituição é fundamental para que as ações de tratamento e preservação sejam aplicadas de forma correta, de maneira que assim como o Museu da Pessoa as principais ações de preservação digital são pensadas e coordenadas por esta equipe, reforçando o caráter interdisciplinar da Museologia.

4.3 Nuances da documentação de entrevistas em ambientes digitais

É inegável que a utilização da internet auxilia na propagação das tradições orais através do compartilhamento e transmissão dos registros de testemunhos de indivíduos e instituições. O Museu da Pessoa e o Memorial da Resistência demonstram que o ciberespaço possui um grande potencial para a publicização desta tipologia de acervo, possibilitando que histórias de vida sejam apropriadas por públicos diversos, independente do seu local. Entretanto, esta tipologia de acervo exige algumas práticas exclusivas, neste sentido observamos que um dos maiores desafios encontrados em ambas as instituições é a questão da preservação digital.

Entrevistas e coleta de testemunhos exigem técnicas próprias, desde o primeiro momento de preparação até a captação e posteriormente seu armazenamento. Na preparação é necessário que seja realizada uma pesquisa sobre o assunto que será abordado, de forma que o entrevistador precisa compreender o contexto do entrevistado: seus costumes, sua época, suas características culturais, facilitando a elaboração de perguntas e a condução do depoimento (MUSEU DA PESSOA, 2009, p.44). Na captação existe a exigência de aparelhos de registro de áudio e/ou vídeo, também são necessários alguns procedimentos de tratamento de áudio e/ou imagem. Por fim, finalizada a coleta é necessário realizar uma transcrição e preencher uma ficha de decupagem, que armazenará informações básicas da entrevista.

As instituições pesquisadas realizam estes procedimentos com maestria, demonstrando que possuem pleno conhecimento e domínio da metodologia da história oral e seus diferentes tipos, entretanto percebemos que a realização destes procedimentos é um processo oneroso, que demanda ampla utilização de recursos, além de uma equipe treinada para este fim. No Museu da Pessoa as informações de decupagem são trazidas na Ficha de Cadastro de História (Apêndice C), e muito assemelha-se a Ficha de Decupagem do Memorial da Resistência (Apêndice E), em ambas o foco é o preenchimento de metadados que contextualizam o momento e local em que a entrevista foi realizada e certamente auxiliam no controle interno das instituições. Entretanto, estas informações são complementadas por outros documentos, como é o caso da Ficha de Cadastro de Pessoa do Museu da Pessoa (Apêndice D) e a Ficha Catalográfica Técnica do Memorial da Resistência (Apêndice F).

É interessante salientar que ao analisarmos os metadados das fichas catalográficas das instituições observamos que eles refletem, de maneira geral, a tipologia de história oral aplicada em cada instituição, de modo que as fichas do Museu da Pessoa, onde identificamos a metodologia de histórias de vida, apresentam metadados voltados à contextualização da vida do sujeito, enquanto no Memorial da Resistência, onde identificamos a metodologia da história oral temática, os metadados estão relacionados ao período específico pesquisado pela instituição.

Observamos que a utilização de mais de uma ficha para documentação dos registros possibilita a aplicação de filtros mais complexos ao recuperar o conteúdo dos depoimentos, de modo que quanto mais metadados são preenchidos, mais completo torna-se o registro. A escolha das instituições em separar estas informações em fichas com propósitos diferentes é benéfica na perspectiva de facilitar a recuperação da informação, mas pode acender um alerta quanto ao risco de dissociação. Felizmente este risco parece minimizado pelas instituições que, em um primeiro momento, demonstram possuir boas práticas de gestão de acervo, utilizando *backups* e sistemas próprios voltados para o gerenciamento destas fichas.

Outra característica exclusiva observada na publicização destes acervos no ciberespaço é de que o registro das entrevistas, principalmente em vídeo, ocupa um grande espaço na infraestrutura dos servidores particulares dos museus, a solução para essa questão observada em ambas as instituições foi hospedar os vídeos em

servidores externos como o YouTube²³ e Vimeo²⁴ e indexar o conteúdo nos seus *sites*. Em geral, estes procedimentos técnicos são orientados por equipes de informática, de modo que ambas as instituições contam com profissionais dedicados para manutenção e desenvolvimento de soluções relacionadas a questões tecnológicas, este é um ponto fundamental para a gestão de instituições com presença no ciberespaço e reforça o caráter interdisciplinar da Museologia.

Por mais que o Museu da Pessoa publicize seu acervo apenas no ciberespaço, diferentemente do Memorial da Resistência que expõe as entrevistas no espaço físico, ainda é necessária a organização de estruturas tradicionais como reservas técnicas e espaços de trabalho conjunto, neste sentido o Museu da Pessoa mantém uma sede física na cidade de São Paulo, demonstrando que museus virtuais não existem somente no ciberespaço e rompendo com a idealização de Museus Virtuais como instituições efêmeras e incorpóreas. De modo que a desterritorialização, característica fundamental dos museus virtuais, diz respeito somente ao seu acesso, uma vez que o museu virtual demanda uma infraestrutura física para o seu pleno funcionamento. Esta infraestrutura física está sujeita a falhas de variados tipos, que podem acarretar na perda de dados, provocando a destruição de acervos e bases de dados inteiras. Deste modo, a preservação digital é uma das particularidades que devemos promover quando tratamos de acervos como de entrevistas.

Por fim, identificamos que a divulgação dos acervos no ciberespaço é um diferencial positivo para as instituições e também para as memórias preservadas, ao publicizar este acervo no ciberespaço o Museu da Pessoa e o Memorial da Resistência possibilitam o aumento de sua visibilidade e alcance de conteúdo, processo que invariavelmente resulta em uma maior valorização das instituições e dos testemunhos salvaguardados.

²³ Disponível em: <<https://youtube.com>>. Acesso em 13/03/2023.

²⁴ Disponível em: <<https://vimeo.com>>. Acesso em 13/03/2023.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mario Chagas constantemente afirma que “a museologia que não serve para a vida, não serve para nada” (CHAGAS, BOGADO, 2017, p.139), e a partir deste pensamento observamos como estas duas instituições contribuem não só para a museologia, mas também para a sociedade por dois ângulos diferentes: por um lado devido a tipologia das instituições, museus virtuais já fazem parte da nossa realidade e a tendência é que sejam cada vez mais comuns, e por outro devido a tipologia do seu acervo, ao acolher testemunhos e depoimentos as instituições trabalham para a preservação de um elemento fundamental na formação da identidade individual e coletiva: a memória. Apesar desta tipologia única de acervo ainda configurar um grande desafio para as instituições é notável o esforço em garantir a sua publicização.

Observamos, por meio dos questionários aplicados e dos documentos utilizados nesta pesquisa, que ambas as instituições compreendem a importância de continuar este processo através da coleta regular de novos depoimentos. Também é interessante constatar como as instituições preocupam-se em obter informações dos indivíduos que compartilham suas memórias, tendo em vista a identificação, em ambas as instituições, de duas fichas de documentação, uma dedicada à entrevista e outra possuindo metadados específicos voltados ao indivíduo. Procedimento que demonstra como é importante contextualizar extensamente as memórias, para que haja efetivamente sua preservação, a partir da noção de que as entrevistas funcionam como indicadores de memória.

Através desta pesquisa, ao analisar os processos de documentação e preservação das entrevistas do Museu da Pessoa e do Memorial da Resistência, foi possível obter um panorama de como as instituições brasileiras estão desenvolvendo sua presença virtual, e lidando com questões práticas da cibermuseologia, principalmente neste caso com a documentação e preservação de objetos digitais. O constante desenvolvimento de novas Tecnologias da Comunicação e Informação permite que estes espaços se reinventem conforme exigido pelo seu público, considerando que “o museu de hoje é uma instância de presentificação dos novos modos pelos quais o homem vê o mundo” (SCHNEIER, 1998, p. 144). Tais inovações tecnológicas podem ser entendidas como ações para que os museus progressivamente deixem de ser vistos como ambientes de coisa

velha e passem a constituir atrativos para o público do ciberespaço. Além disso, conforme observamos com a disseminação do fenômeno dos museus virtuais, a tendência é que estas instituições se propaguem.

Neste sentido as instituições analisadas realizam um trabalho satisfatório em comunicar seu acervo no ciberespaço, possibilitando a fruição dos depoimentos e testemunhos através dos seus sistemas de publicização de acervos: o Tainacan, para o Memorial da Resistência, e o sistema particular do Museu da Pessoa. E, em certa medida, no caso do Museu da Pessoa também ao proporcionar novas experiências e experimentações para o público, possibilitando que o visitante atue tanto como curador, organizando suas próprias coleções, quanto como acervo, uma vez que é incentivado a enviar sua própria história de vida.

Entretanto, também observamos como as questões técnicas configuram um grande desafio para a Museologia como área, os problemas encontrados pelas instituições não são exclusivos e certamente assombram diversas outras instituições que possuem tipologias de acervo semelhantes ou operam em condições similares. Nesta perspectiva, acreditamos que reforçar o caráter interdisciplinar da museologia seja fundamental ao dialogar com outras áreas do conhecimento, de modo que as equipes de tecnologia da informação atuem em conjunto com os profissionais das instituições pesquisadas no desenvolvimento de soluções para a comunicação e preservação desses acervos. A implementação de sistemas voltados para gestão de acervos, ou pelo menos a sua publicização, é parte fundamental dos objetivos da Museologia nesta próxima década, e beneficiária todo o campo patrimonial, não só as instituições que poderiam ampliar seus horizontes de atuação mas também os pesquisadores e o público que teriam à disposição a fruição de acervos diversos, também seria parte importante para o estabelecimento de sistemas de recuperação de informação, entretanto para isso é necessário que conceitos mais complexos como interoperabilidade e padronização de metadados sejam amplamente discutidos.

Por este lado observamos que o Museu da Pessoa e o Memorial da Resistência possuem poucos metadados equivalentes, e que apesar da tipologia de coleções ser a mesma, a classificação através dos metadados varia muito conforme o conteúdo apresentado nas entrevistas, sendo necessário a articulação do campo museal para o desenvolvimento de padrões de metadados que consigam descrever uma tipologia de acervo tão singular quanto o depoimento oral.

A perspectiva da digitalização de acervos e sua inserção no ciberespaço faz parte da realidade museológica, a organização de repositórios na rede ou estabelecimento de museus virtuais é um processo natural que vêm ocorrendo desde o final do século XX e a tendência é que seja intensificado conforme o ciberespaço torne-se parte integral da nossa realidade. Neste momento é importante que a comunidade museológica articule-se, para que continue com sua participação fundamental na gestão do patrimônio histórico e artístico, seja ele material ou imaterial.

REFERÊNCIA

- ALVES, RACHEL CRISTINA VESÚ. **Metadados como elementos do processo de catalogação**. 2010. 132 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)– Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.
- ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina (org.). **Memorial da Resistência de São Paulo**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2009.
- ARCHER, Don. **Museum of Computer Arts**. [s.d]. Disponível em: <https://moca.virtual.museum>. Acesso em: 23 jul. 2022.
- BELO HORIZONTE. **Anais do I Sebramus**. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2014. p.76-87.
- BRASIL. Decreto nº 3.100, de 30 de junho de 1999. Brasília.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia: algumas idéias para a sua organização disciplinar**. Cadernos de sociomuseologia, n. 9, p. 9-33, 1996.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Plano Museológico Memorial da Resistência de São Paulo 2019-2023**. São Paulo: Memorial da Resistência, 2019. Disponível em: <http://memorialdaresistencia.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Plano-Museologico-o-Memorial-da-Resistencia-2019.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2023.
- CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. **O Museu do Sagrado ao Segredo**. Rio de Janeiro: Revan, 2009. 196 p.
- CHAGAS, Mario; BOGADO, Diana. A museologia que não serve para a vida, não serve para nada: o museu das remoções como potência criativa e potência de resistência. In: CALABRE, Lia et al (org.). **Memória das olimpíadas no Brasil: diálogos e olhares**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2017. p. 139-146.
- CHAVES, Rafael Teixeira; HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. Museu Virtual das Coisas Banais: museologia e banalidades. **Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 108-117, jul. 2021.
- CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. **ICOM aprova Nova definição de Museu**. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756>. Acesso em: 02 jan. 2023.
- DODEBEI, Vera. Digital Virtual: o patrimônio no século xxi. In: DODEBEI, Vera; ABREU, Regina. **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2008. p. 11-32.
- GUARNIERI, Waldisa. A Interdisciplinaridade em Museologia. In: Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. **Textos e Contextos de uma trajetória profissional**. Coord. Maria Cristina Oliveira Bruno, vol.1: São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010.
- GOFF, Jaques Le. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 476 p.

HENRIQUES, Rosali Maria. **Memória, museologia e virtualidade**: um estudo sobre o museu da pessoa. 2004. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2004.

HENRIQUES, Rosali. Os museus virtuais: conceito e configurações. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 55, n. 12, p. 53-70, dez. 2018.

JULIÃO, L.; TANUS, G. F. de S. C. Ensino da Museologia no Brasil: teoria e interdisciplinaridade. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA, 1., 2014,

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. 270 p.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 160 p.

LIMA, Diana Farjalla; MENDES, Pedro de Barros. Virtual Museum: identifying models through a conceptual study and museology practices. In: ANDRÉ DESVALLÉES. Icofom. **Museology: Back to Basics**. 38. ed. Mariemont: Mariemont, 2009. p. 237-249. (ICOFOM Study Series).

MAGALDI, Monique B.; BRITTO, Kátia S. Museologia Virtual e Cibermuseologia:: as diferentes definições de museus eletrônicos e sua relação com o virtual. In: **1 ENCONTRO DE MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**, 1., 2018, Brasília. Simpósio Temático 1 - Museologia e Ciência da Informação. Brasília: S.Ed, 2018. n.p.

MAGALDI, Monique Batista. **Navegando no Museu Virtual**: um olhar sobre as formas criativas de manifestação do fenômeno museu. 2010. 253 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MAGALDI, Monique B.; BRULON, Bruno; SANCHES, Marcela. Cibermuseologia: as diferentes definições de museus eletrônicos e a sua relação com o virtual. In: MAGALDI, Monique B.; BRITO, Clovis Carvalho (Org.). **Museus & museologia**: desafios de um campo interdisciplinar. Brasília: FCI-UnB, 2018. p. 135-155.

MARTINS, Dalton Lopes; MARTINS, Luciana Conrado. DESAFIOS E APRENDIZADOS NA IMPLANTAÇÃO DO TAINACAN NOS MUSEUS DO INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. especial, n. 1, p. 91-107, jul. 2021.

MAZZEO, Luzia Maria (org.). **Evolução da Internet no Brasil e no Mundo**. Brasília: Assessoria Sepin, 2000. 80 p. Disponível em: <https://www.facterj-rio.edu.br/downloads/bbv/0032.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2023.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA. Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. **Memorial da Resistência, 10 anos**: presente! São Paulo, 2018.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA. Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. **Memorial da Resistência**. Disponível em: <http://memorialdaresistenciasp.org.br>. Acesso em: 21 jul. 2022.

MORAES, Nilson Alves de. Memória social: solidariedade orgânica e disputas de sentidos. In: GONDAR, Jô; DODEBEL, Vera (org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005. p. 89-104.

MUSEU DA PESSOA. **Tecnologia Social da Memória**: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. São Paulo, 2009.

MUSEU DA PESSOA. **Museu da Pessoa**. Disponível em: <https://museudapessoa.org>. Acesso em: 14 jul. 2022.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 5 mar. 2023.

NÚCLEOS MUSEU DA PESSOA. **Núcleos Museu da Pessoa**. Disponível em: <https://www.nucleosmuseudapessoa.org>. Acesso em: 05 mar. 2023.

OLIVEIRA BRUNO, M. C. Museologia: entre abandono e destino. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 19–28, 2020. DOI: 10.26512/museologia.v9i17.31590. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31590>. Acesso em: 5 mar. 2023.

OLIVEIRA, Amanda de Almeida; FEITOSA, Alexandre César Avelino. A Difusão Digital nos Museus do IBRAM: a implantação do projeto tainacan. **Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 55, n. 1, p. 70-90, jul. 2021.

OLIVEIRA, Caroline Grasel de. **MUSEOLOGIA NA CONTEMPORANEIDADE**: um estudo de caso do #museudememes. 2018. 78 f. TCC (Graduação) - Curso de Museologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

OLIVEIRA, Priscila Chagas. **INTERFACES DA MEMÓRIA SOCIAL**: análise do compartilhamento do conjunto de imagens digitais do acervo digital bar ocidente no facebook. 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

PADILHA, Renata Cardozo. **A representação do objeto museológico na época de sua reprodutibilidade digital**. 2018. 256 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

PIOCH, Nicolas. **WebMuseum**. [s.d]. Disponível em: <http://www.ibiblio.org/wm/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

PRIMO, J. Museologia e património: documentos fundamentais. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 15, n. 15, 11. Lisboa, Portugal, 1999.

ALVES, Rachel Cristina Vesú. **Metadados como elementos do processo de catalogação**. 2010. 134 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

RENIM. **Rede Nacional de Identificação de Museus**. Disponível em: <https://renim.museus.gov.br/renim/>. Acesso em: 05 dez. 2022.

RODRIGUES, Tânia Francisco. Itaú Cultural: pesquisa, produção e difusão de informações sobre arte e cultura brasileiras. **Seminário Serviços de Informação em Museus**, p. 103-109, 2010. Disponível em: <http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/bases/biblioteca/07498.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2023.

SÃO PAULO (Estado). Lei nº 2034, de 30 de dezembro de 1924. São Paulo.

SCHEINER, Teresa Cristina. **Apolo e Dioniso no templo das musas: Museu – Gênese, idéia e representações na cultura ocidental**. 152 F. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, Brasil, 1998, 152 f.

SCHWEIBENZ, Werner. The "Virtual Museum": new perspectives for museums to present objects and information using the internet as a knowledge base and communication system. In: Internationalen Symposiums für Informationswissenschaft, 1., 1998, Praga. **Knowledge Management and Kommunikationssysteme**. Saarbrücken: Uvk Verlag, 1998. p. 185-199.

SIQUEIRA, Joyce; MARTINS, Dalton Lopes; MEDEIROS, Vinicius Nunes. **BRASILIANA MUSEUS: teste funcional do agregador de dados museais do instituto brasileiro de museus**. In: V WORKSHOP DE INFORMAÇÃO, DADOS E TECNOLOGIA, 5., 2022, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2022.

TAKAI, Osvaldo Kotaro; ITALIANO, Isabel Cristina; FERREIRA, João Eduardo. **Introdução a Banco de Dados**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~jef/apostila.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2023.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, Ana Maria da Costa Leitão. **Plano Museológico Museu da Pessoa 2019-2021**. São Paulo: Museu da Pessoa, 2019. Disponível em: https://museudapessoa.org/wp-content/uploads/2021/06/planomuseologico_2019-2021.pdf. Acesso em 13/02/2023.

WORCMAN, Karen. **Quem sou eu? memória e narrativa no museu da pessoa**. 2021. 299 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação

Interdisciplinar Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

ANEXO A**AUTORIZAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÃO MUSEU DA PESSOA****AUTORIZAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

AUTORIZAÇÃO

Eu Felipe Rocha, abaixo assinado(a), autorizo Vinícius Bard Mathias de Souza, estudante de Museologia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título provisório "Gestão de Acervo em Museus Virtuais" e está sendo orientado pela Profa. Dra. Ana Celina Figueira da Silva.

Porto Alegre, 23 de janeiro de 2023 .

Assinatura do entrevistado

ANEXO B**AUTORIZAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÃO MEMORIAL DA
RESISTÊNCIA****AUTORIZAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a) Julia Cerqueira Gumieri, CPF 082.750.446.26, abaixo assinado(a), autorizo Vinícius Bard Mathias de Souza, estudante de Museologia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título provisório "Gestão de Acervo em Museus Virtuais" e está sendo orientado pela Profa. Dra. Ana Celina Figueira da Silva.

Porto Alegre, 26 de janeiro de 2023.

Assinatura do entrevistado

APÊNDICE A

CARTA DE APRESENTAÇÃO



Prezado (a)

(nome da pessoa a quem se dirige a apresentação)

Eu Vinícius Bard Mathias de Souza, do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, venho por meio deste documento solicitar autorização para ter acesso a informações referente a gestão de acervo da instituição, com foco na documentação e preservação de entrevistas, visando a realização da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso que tem como título “GESTÃO DE ACERVOS DIGITAIS: Um estudo a partir das coleções de depoimentos do Museu da Pessoa (RJ) e Memorial da Resistência (SP)”, com orientação da Profa. Dra. Ana Celina Figueira da Silva.

Agradeço imensamente a compreensão e me coloco à disposição para eventuais esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

Vinícius Bard Mathias de Souza
vinicius.bard@ufrgs.br
telefone 51 99697-1348

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1 - Considerando o eixo temático da instituição, existe a seleção prévia das entrevistas que irão integrar os acervos por meio de um comitê de gestão de acervo ou algum grupo com este propósito?

2 - A instituição é conhecida por possuir registros muito valiosos de história oral. Entretanto, sabemos que não existe somente uma única metodologia de coleta quando trata-se de história oral, portanto gostaríamos de saber se a instituição segue um manual específico para coleta e tratamento destes depoimentos/entrevistas?

3 - Uma vez que os depoimentos/entrevistas são integrados as coleções, como ocorre a sua documentação? Os registros em áudio ou vídeo são preservados junto à transcrição?

4 - Caso seja utilizada uma ficha catalográfica ou algum outro documento para catalogação seria possível compartilhá-lo?

5 - Compreendemos que os registros digitais de entrevistas, como gravações de áudio e vídeo, são objetos digitais. Existem características exclusivas que a instituição tenha identificado na documentação destes objetos digitais?

6 - Como é pensada a preservação destes objetos/acervos digitais? Quais métodos são empregados pensando na conservação destes registros?

APÊNDICE C

ENTIDADE DE CADASTRO DE HISTÓRIAS NO MUSEU DA PESSOA

Metadado	Descrição
Informações Básicas	
Nome da História	Título da história que será publicizado.
Tipo de História	O tipo de entrevista que foi realizada, pode ser uma história de vida, temática...
Idioma	Idioma em que a entrevista foi realizada.
Status	Informa se o registro está publicado ou salvo como rascunho.
Visível na PAA	Indica se o conteúdo está visível na Plataforma de Acesso ao Acervo.
Cadastrado pela PAA	Indica se foi cadastrado diretamente pela Plataforma de Acesso ao Acervo.
Capa	Imagem que retrate a entrevista ou seu conteúdo, aceitos formatos PNG, JPG e JPEG.
Resumo	Síntese dos assuntos abordados na entrevista.
Localização no acervo	Localização física do item na reserva técnica.
Suporte Original	Suportes de mídias na qual a história foi registrada: LTO-7 / HDD Externo / MiniDV / DVCAM / Betacam / Hi8 / VHS / VHS-C / DVD / CD / MiniDisc / DAT / K7.
Suporte de Preservação	Suporte de mídias na qual a história foi preservada: LTO-7 / HDD Externo / MiniDV / DVCAM / Betacam / Hi8 / VHS / VHS-C / DVD / CD / MiniDisc / DAT / K7.
Data do registro	Data em que foi realizada a entrevista, informação equivalente a da claquete.
Código do Registro	Referente ao número de registro exclusivo.
Responsável pela catalogação	Usuário que realizou o registro.
País	País de origem da entrevista.
Estado	Estado de origem da entrevista.
Cidade	Cidade de origem da entrevista.
Licença de Uso	Licença legal de publicização / divulgação da entrevista.
Upload de Licença	Carregamento da licença em formato PDF.
Outros arquivos da entrevista	Outros arquivos que possam ser relevantes à entrevista.

Observações	Comentários relevantes sobre a criação ou edição da entidade.
História na Íntegra	
Texto na Íntegra	Campo para disponibilização da transcrição.
Extensão	Extensão do arquivo, são aceitas as opções para vídeo: AVI, ASF, FLV, MKV, MOV, MP4, WMV, NATIVO. Para áudio: MP3, WMA, WAV, AAC, AIFF, PCM, FLAC.
Vídeo hospedado em streaming? / Áudio hospedado em streaming?	Caso o vídeo ou áudio esteja hospedado em plataforma de streaming (como YouTube ou Spotify) é possível incorporá-lo ao registro.
Resolução	Resolução original de gravação em pixels.
Ratio	Proporção de tela original da gravação.
Cromia	Vídeo em preto e branco ou colorido.
Sistema de Áudio	Áudio mono ou estéreo.
Duração	Duração total do conteúdo de mídia.
Decupagem	Campo para separação de assuntos e faixas permitindo a recuperação das informações da entrevista de forma eficaz.

Fonte: Elaborado a partir dos dados do Museu da Pessoa, 2023.

APÊNDICE D

ENTIDADE DE CADASTRO DE PESSOA NO MUSEU DA PESSOA - INFORMAÇÕES BÁSICAS

Metadado	Descrição
Nome Completo	Único campo obrigatório na ficha de pessoas, deve constar o mesmo nome utilizado nos documentos de identificação desta pessoa.
Nome Social	Nome que será publicizado durante o acesso ao acervo.
Nome Fantasia	Campo utilizado para apelidos ou nomes artísticos.
Status	Informa se o registro está publicado ou salvo como rascunho.
Visível na PAA	Indica se o conteúdo está visível na Plataforma de Acesso ao Acervo.
Cadastrado pela PAA	Indica se foi cadastrado diretamente pela Plataforma de Acesso ao Acervo.
CPF	Código de Pessoa Física da pessoa cadastrada.
RG	Registro Geral da pessoa cadastrada.
Gênero	Gênero com que a pessoa registrada identifica-se.
Biografia	Breve descrição sobre a pessoa registrada.
Foto	Imagem que retrate a pessoa, aceitos formatos PNG, JPG e JPEG.
Data de Nascimento	Data de nascimento exata ou aproximada da pessoa registrada.
País	País de origem da pessoa registrada.
Estado	Estado de origem da pessoa registrada.
Cidade	Cidade de origem da pessoa registrada.
CEP	Código de Endereçamento Postal da residência onde a pessoa registrada atualmente reside.
Endereço	Endereço descrito onde a pessoa registrada atualmente reside.
Número	Número da residência da pessoa registrada.
Complemento	Outras informações do endereço de residência da pessoa registrada.
Bairro	Bairro de residência da pessoa registrada.
País, Estado e Cidade de Residência	País, Estado e Cidade de Residência atuais da pessoa registrada.

Religião	Religião com que a pessoa registrada identifica-se.
Raça / Cor	Raça / Cor com que a pessoa registrada declara-se.
Etnia	Etnia com que a pessoa registrada identifica-se.
Grau de escolaridade	Grau de escolaridade da pessoa registrada.
Ocupação atual	A atual atividade que a pessoa registrada exerce, ou a atividade que exerceu durante boa parte de sua vida.
Observações	Comentários relevantes sobre a criação ou edição da entidade.

Fonte: Elaborado a partir dos dados do Museu da Pessoa, 2023.

APÊNDICE E

FICHA DE DECUPAGEM DO MEMORIAL DA RESISTÊNCIA

Metadado	Descrição
Testemunho de	Nome completo do entrevistado. Se houver apelido escrever após o nome entre parênteses.
Código da entrevista	Código único da entrevista.
Código do(s) entrevistado(s)	Código único dos entrevistados.
Dados da Entrevista	
Programa de pesquisa	Escrever por extenso, seguido da sigla, o nome do programa.
Coleção	Preencher de acordo com a coleção pertencente.
Projetos e parcerias	No caso de entrevistas realizadas em parceria com o pesquisador do Programa Lugares de Memória.
Tipo	Individual ou Coletiva.
Âmbito	Privado caso a entrevista tenha sido realizada em estúdio ou público, caso tenha sido gravada com público presente.
Tema	Redigir o tema da entrevista, relacionado a coleção.
Data	Data em que foi realizada a entrevista.
Local de gravação	Local onde se realizou a entrevista.
Duração da sessão	Tempo de duração da entrevista, segundo minutagem do arquivo audiovisual.
Entrevistador(es)	Nome e sobrenome dos entrevistadores participantes.
Operador de câmera	Nome do operador de câmera responsável pela gravação.
Registro fotográfico	Nome do fotógrafo responsável pelo registro de imagens.
Dados Gerais do Entrevistado	
Nome completo	Nome completo do entrevistado, sem apelido.
Categoria MRSP	Redigir o título das categorias nas quais se enquadra o entrevistado.
Organização à época de prisão	Nome por extenso seguido da sigla corresponde à organização pela qual o entrevistado militava à época.
Ano de prisão	Ano em que o entrevistado foi preso.
Tempo de prisão	Tempo total de duração da prisão.
Pais e tempo de exílio	Países em que o entrevistado exilou-se e tempo de duração.

Outros Dados	
Foto / Biografia	Ao lado da foto 3x4 do entrevistado, resumir sua biografia.
Resumo da entrevista	Redigir um texto de no máximo 20 linhas sobre o conteúdo abordado na entrevista.
Pessoas ligadas à resistência citadas	Relatar os nomes citados pelo entrevistado que tenham ligação com a resistência.
Pessoas ligadas à repressão citadas	Relatar os nomes citados pelo entrevistado que tenham ligação com a repressão.
Familiares envolvidos nos eventos de repressão / resistência	Relatar os nomes citados pelo entrevistado de familiares envolvidos em eventos de resistência ou repressão.
Lugares onde teve experiência de resistência / repressão	Citar os lugares apontados pelo entrevistado onde este viveu episódios de resistência ou repressão.
Eventos	Citar os eventos descritos pelo entrevistado.
Relação com os programas de pesquisa MRSP	Preencher de acordo com a vinculação da entrevista com outros programas de pesquisa.
Testemunhos relacionados	Citar o nome de outros entrevistados que tenham sido mencionados.
Fontes relacionadas	Citar as fontes mencionadas pelo entrevistado.
Testemunho com restrição	Preencher com sim caso haja restrição apontada pelo entrevistado.
Como citar	Preencher com: sobrenome do entrevistado em letras maiúsculas, seguido do nome e ponto final, o título tema da entrevista e ponto final em negrito, seguido do nome do local onde se realizou a entrevista, vírgula e o nome e sobrenome do entrevistador.

Fonte: Elaborado a partir dos dados do Memorial da Resistência, 2023.

APÊNDICE F

FICHA CATALOGRÁFICA TÉCNICA DO MEMORIAL DA RESISTÊNCIA

Metadado	Descrição
Testemunho de	Nome completo do entrevistado. Se houver apelido escrever após o nome entre parênteses.
Código da entrevista	Código único da entrevista.
Código do(s) entrevistado(s)	Código único dos entrevistados.
Dados da Entrevista	
Programa de pesquisa	Escrever por extenso, seguido da sigla, o nome do programa.
Coleção	Preencher de acordo com a coleção pertencente.
Projetos e parcerias	No caso de entrevistas realizadas em parceria com o pesquisador do Programa Lugares de Memória.
Tipo	Individual ou Coletiva.
Âmbito	Privado caso a entrevista tenha sido realizada em estúdio ou público, caso tenha sido gravada com público presente.
Tema	Redigir o tema da entrevista, relacionado a coleção.
Data	Data em que foi realizada a entrevista.
Local de gravação	Local onde se realizou a entrevista.
Duração da sessão	Tempo de duração da entrevista, segundo minutagem do arquivo audiovisual.
Entrevistador(es)	Nome e sobrenome dos entrevistadores participantes.
Operador de câmera	Nome do operador de câmera responsável pela gravação.
Registro fotográfico	Nome do fotógrafo responsável pelo registro de imagens.
Dados Pessoais do Entrevistado	
Nome completo	Nome completo do entrevistado, sem apelido.
Sexo	Preencher com feminino ou masculino de acordo com o gênero do entrevistado.
Data de nascimento	Preencher com dia, mês e ano de nascimento do entrevistado.
Local de nascimento	Apontar o local de nascimento do entrevistado.
Estado civil	Preencher com: casado, divorciado, solteiro ou viúvo.
Profissão/atividade atual	Profissão ou atividade atual do entrevistado.

Grau de instrução	Preencher de acordo com o grau de instrução do entrevistado.
Endereço de residência atual	Preencher com o endereço completo da residência atual.
Telefone	Preencher com o código de área entre parênteses, seguido do número de telefone do entrevistado.
Email	Preencher com o endereço de e-mail atual do entrevistado.
Dados de Militância Política do Entrevistado	
Apelido/nome de militância	Apelido ou nome do entrevistado utilizado no exercício da militância.
Ano de ingresso na militância	Ano em que o entrevistado iniciou-se na militância.
Organização que participou	Nome por extenso seguido da sigla corresponde à organização pela qual o entrevistado militava à época.
Cargos/funções que assumiu	Citar os cargos ou funções assumidas pelo entrevistado dentro da organização a qual pertenceu enquanto militante.
Companheiros de militância	Citar nome(s) de companheiro(s) que na militância foram próximos ao entrevistado.
Período de clandestinidade	Período em que o entrevistado viveu em condição de clandestinidade.
Âmbito da militância política atual	Caso o entrevistado exerça algum tipo de militância no presente, descrever o âmbito da ação.
Participação da luta armada	Responder Sim, caso o entrevistado tenha se declarado participante da luta armada ou Não, caso o entrevistado não tenha se declarado participante da luta armada.
Dados da Repressão / Perseguição	
Data da entrada/saída do sistema prisional	Data em que o entrevistado deu entrada no sistema prisional, seguido da data que concluiu seu processo de prisão.
Tempo total de cárcere	Indicar o tempo total em que o entrevistado permaneceu em cárcere.
Sequência dos cárceres por onde passou	Relacionar o(s) cárcere(s) por onde passou o entrevistado, citando-os na ordem de passagem.
Sofreu tortura física	Responder Sim, caso o entrevistado tenha sofrido torturas físicas ou Não, caso o entrevistado não tenha sofrido torturas físicas.
Profissão/atividade à época da prisão	Preencher de acordo com a profissão ou atividade que exercia o entrevistado à época que foi preso
Pais e tempo de exílio	Países em que o entrevistado exilou-se e tempo de duração.
Prisão no Deops/SP	
Número de passagens no Deops/SP	Caso o entrevistado tenha sido preso no Deops/SP, indicar por extenso quantas vezes foi preso neste mesmo local.

Data de prisão no Deops/SP e período de permanência	Data em que foi efetuada a prisão do entrevistado no Deops/SP e por quanto tempo permaneceu preso.
Espaços do Deops/SP em que sofreu tortura	Indicação do local onde o entrevistado sofreu torturas dentro do Deops/SP.
Ações judiciais	Preencher com X as ações nas quais se enquadra o entrevistado de acordo com o processo judicial que enfrentou no passado. Fichamento () / Julgamento () / Prisão () / Liberdade condicional () / Banimento () / Condenação () / Cumprimento de pena () / Contemplado Anistia 79 () / Expulsão ()
Dados de Reparação	
Processo de reparação/anistia política (ano/instância)	Relatar se o entrevistado foi ou não anistiado.
Documentos Doados	
Gênero/suporte	Caso o entrevistado tenha doado algum documento, informar o gênero/suporte.
Quantidade de documentos	Indicar numericamente a quantidade de documentos doados.
Descrição resumida	Apresentar uma breve descrição do referido documento doado.
Localização	Indicar a localização física ou digital do referido documento doado.
Indicações para o PCRT	Caso o entrevistado tenha fornecido indicação de possíveis entrevistados, citar o nome da pessoa indicada.
Indicações para o PLM	Caso o entrevistado tenha dado alguma indicação de um novo lugar de memória que não seja cadastrado no banco de dados do Programa Lugares da Memória do MRSP, citar o título do lugar indicado.
Testemunho com restrições	Preencher com sim caso haja restrição apontada pelo entrevistado.

Fonte: Elaborado a partir dos dados do Memorial da Resistência, 2023.